

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Lettras

Summario :

COELHO NETTO

Olavo Bilac

MANDOVI

Coelho Netto

A PRINCEZA DE JOINVILLE

ARTISTAS CELEBRES

WANDA DE BONCZA

Espectador

TYPOS DE BELLEZA

UM COSMOPOLITA

Domicio da Gama

EMILIO ZOLA

M. Botelho

O AUTO DOS ESQUECIDOS

Maria Amalia

VERDI e MASCAGNI

X.

PEREGRINAÇÃO A MECCA

M. de A.

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ

DURANTE A VIDA

Thomaz Sweet

NOTICIARIO ILLUSTRADO



COELHO NETTO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE

MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

RENOVA COMPLETAMENTE DANDO O LUSTRO PRIMITIVO

O SABONETE MONKEY BRAND

Fabricado por BROOKE'S

É EMPREGADO NAS MELHORES CASAS DA EUROPA E AMERICA



(Au coin de la rue Scribe)



55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

LEUSSEU FILS & C^o

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

A GUERRA

A nossa « Revista » já estava na machina, quando rebentou a guerra entre a Hespanha e os Estados-Unidos. Não podémos pois referirmo-nos a este grande acontecimento, o maior talvez do seculo que ora finda.

No seu proximo numero a « Revista Moderna » consagrará numerosas paginas a esta lucta, que um dos seus collaboradores mais eruditos analysará e explicará.

Desde já, porem, — n'esta breve nota de ultima hora — a « Revista Moderna » quer afirmar a sua viva sympathia pela gloriosa Hespanha, que ao desafio de um inimigo vinte vezes maior, responde com um tão patriotico rasgo e uma tão sublime heroicidade.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Le Brésil. — O n.ºs de 27 de Março e de 3 de Abril são, como habitualmente, merecedores de leitura. *Le Brésil* é um jornal tão noticioso quanto interessante.

La Diplomatie. — Temos os n.ºs 23 e 24. O primeiro offerece o retrato do Ministro de Estrangeiros da Republica Franceza, o Sr Hanotaux, recebido ultimamente na Academia Franceza; o segundo traz o retrato do principe Fernando da Bulgaria.

Sport Universel. — Os n.ºs 88 e 89 trazem artigos curiosos, sobre os diversos sports. Citaremos, entre outros « Une nouvelle méthode de course », assignado pelo D^r Félix Renault.

Revista Portuguesa. — Destacamos no ultimo numero publicado um artigo sobre *Vasco da Gama*, firmado pelo distincto escriptor José de Souza Monteiro; outro sobre Engenharia Colonial, por Neves Ferreira; A ordem de Christo, por Arns, etc.

Revue du Brésil. — Recebemos o n.º 35, o qual traz na primeira pagina o retrato de Anita Garibaldi, a heroína brasileira.

A moda elegante. — Muito interessante o n.º 14, datado de 2 de Abril.

Revue Illustrée. — Um bello numero o de 1.º de Abril. Traz um conto de Jean Lorrain, finamente illustrado, gravuras relativas á *Paméla*, a applaudida peça de Victorien Sardou, etc. Na capa dá o retrato do senador Béranger.

Histoire de la Musique. — O Sr Albert Soubies publica a historia da musica em Portugal. É um livro muito curioso, que revela da parte do auctor, cujo nome é já bastante conhecido, grande conhecimento do assumpto. Em um elegante volume de cem paginas, o Sr Soubies, a quem agradecemos o exemplar que nos offereceu, estuda com proficiencia a musica d'essa nação, que é como elle diz, « un petit pays habité par une grande nation. »

COELHO NETTO

EM viagem de Petropolis para o Rio, hoje, ao balanço moroso da barca, vendo emergirem da agua calma as ilhas verdes que um sol implacavel incendiava, scismava eu, distrahido, — quando um secretario de legação veiu sentar-se ao meu lado, e principiou logo a falar do acontecimento do dia, — a proclamação da dictadura Cuestas, no Uruguay. Na barca, esse era o assumpto de todas as conversações. Aquelles capitalistas, aquelles banqueiros, aquelles commerciantes, que, arrancados pelo dever á doce calma da risonha cidade da serra, iam para a vasta fornalha do Rio trabalharem, devoravam nos jornaes os telegrammas de Montevidéo, e discutiam com

calor o caso. E o secretario de legação, um sul-americano doente e melancolico, lastimava essa desordem perenne que faz, da vida politica das nossas republicas, um eterno encontro de ambições, um perpetuo conflicto de caudilhos mais ou menos violentos. « Assim, não temos sciencia

nossa, não temos industria nossa, não temos arte nossa, porque vivemos atolados n'esta politica mesquinha... Ainda os senhores, no Brazil, foram felizes : tiveram cincoenta annos de pasmaceira politica, e é por isso que possuem escriptores... »

Agora, á noite, no socego d'este retiro perfumado, folheando a obra de Coelho Netto, sinto a alma invadida de um orgulho grande. Sim! possuímos escriptores! E aqui está um, que, aos trinta e dois annos, já póde apresentar uma obra solida, que ha-de viver emquanto viver o nome brasileiro.

Com certeza, não foi a calma do segundo imperio que nos deu isso. Não sei bem que beneficio nos trouxeram aquelles cincoenta annos de pasmaceira, se nem ao me-

nos deram ao povo, com a tranquillidade, o desejo de aprender a lèr : o Brazil tem mais de doze milhões de habitantes... e, n'este vasto formigueiro humano, não ha jornal de que se imprimam quarenta mil exemplares por dia, como não ha livro de que se vendam cinco mil exemplares por



COELHO NETTO

(Phot. Gutierrez.)



Coelho Netto em 1888.

anno... Se possuímos escriptores, é porque tivemos um grupo limitado de homens que souberam querer.

A principio, a fecundidade do escriptor espanta. Do volume das *Rhapsodias* (1890) ao volume de *Inverno em Flor* (1898), que aturado e immenso trabalho! Sem fallar da collaboração litteraria em dois ou tres jornaes e dos pequenos volumes ligeiros do *Album de Caliban* e dos *Bilhetes Postaes*, — ahi estão *A Capital Federal*, *Balladilhas*, *Fructo prohibido*, *O Rei Fantasma*, *Miragem*, *Sertão*, *Pelo amor! America*, *O Morto*, *O Paraiso*, *A Conquista*. E só quem, como eu, vive intimamente unido ha mais de quatorze annos a Coelho Netto, póde saber que decidida vocação e que longo e pertinaz esforço deram ao escriptor esta facilidade de trabalho e a vasta erudição litteraria, de que elle se apercebeu antes de se arrojara á conquista da gloria.

Quando o conheci, chegava elle do Norte, d'aquella terra maranhense, callida e bella, que tanta gente illustre tem dado ao Brasil.

Netto teve a infancia emmoldurada na selvagem natureza do sertão, viveu no esplendor violento d'aquella sol, na feracidade incomparavel d'aquella vegetação. Terras admiraveis, essas do Norte, — de uma bruteza magnifica, povoadas de gentes livres e fortes, cuja simplicidade de alma, cuja bravura, cuja facilidade de revolta, cuja exaltação fanatica, cuja educação

guerreira tão vivamente appareceram, ha pouco, postas em evidencia na tragedia de Canudos.

Alli, o homem é rude como a Natureza, tenaz como ella. Domar os cavallos selvagens, fazer frente aos touros brutos, atravessar o sertão, por dias e dias a fio, sem comer e sem beber, manejar a arma branca e a garrucha como ninguem, — são proezas de que é capaz o mais fraco dos sertanejos. D'essas gentes, possui Coelho Netto a força, a imaginação e a fé. Qualquer d'aquelles bravos campeiros tem musculos de aço, uma imaginação fogosa que abre em lendas de raro encanto e em trovas de uma originalidade pasmosa, e, — além d'isso — uma fé que não morre, — aquella fé, com que os jagunços se deixam estoquear, degolar, mutilar e queimar, sem um desfallecimento, sem um gemido.

Seria preciso entrar em particularidades de vida intima, para mostrar como o escriptor da *Praga* possui em alto gráo essas tres qualidades.

Eu, que o conheço bem, nunca o vi empallidecer diante de um perigo, d'esses que foram tão frequentes na vida revoltada que tivemos aos dezoito annos. E quanto a imaginação, — nenhuma conheci jamais, fogosa e arrebatada como a d'elle.

Estou n'este momento revendo, clara e vivamente evocada pela saudade, um certo casarão triste da rua do Riachuelo, que abrigou o melhor tempo da nossa mocidade.

Ahi, na tranquillidade burgueza d'essa casa de



Coelho Netto — desenho de Bernardete.

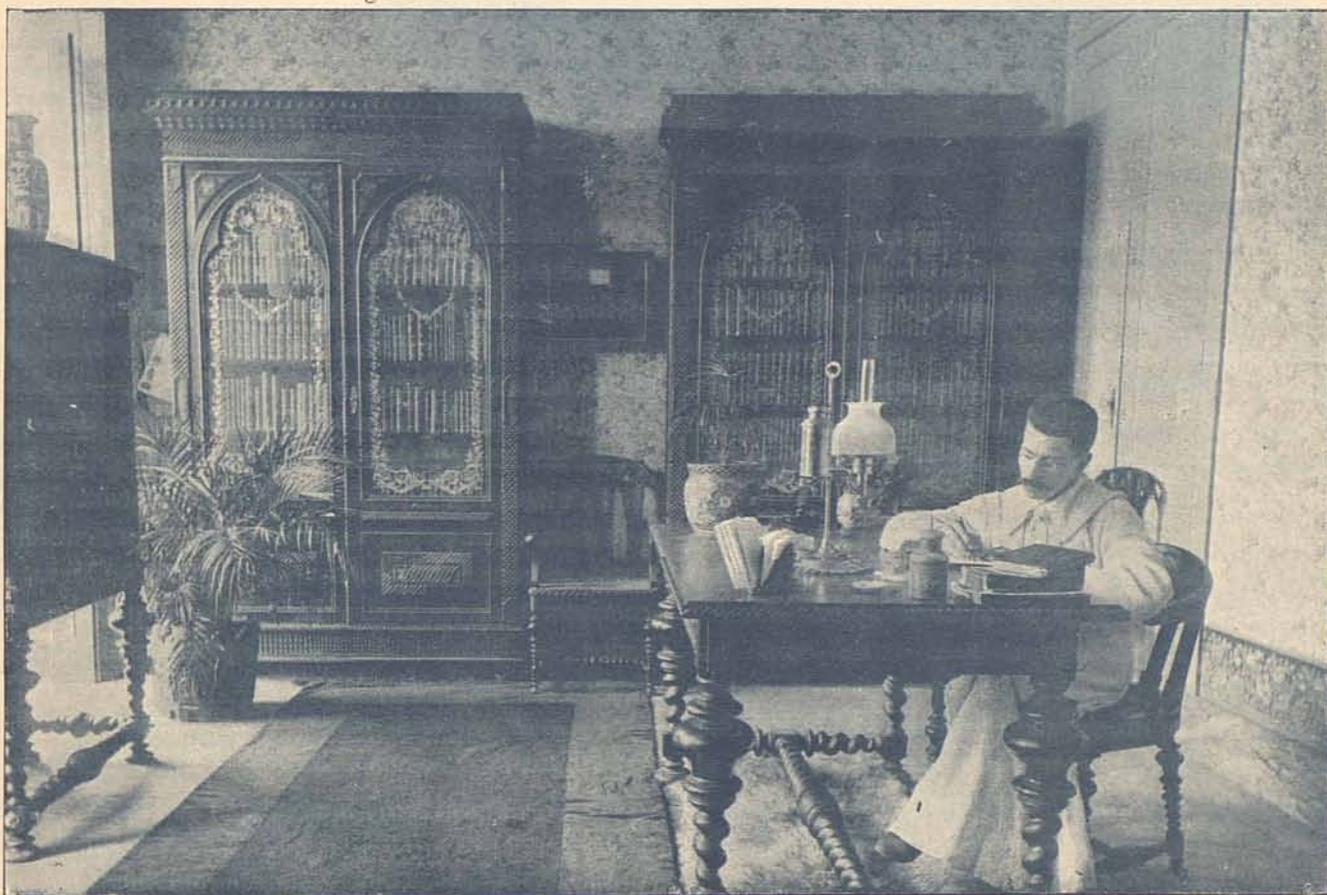
pensão, havia um quarto acanhado que todos os hospedes olhavam com espanto e medo. É que quasi sempre, de dentro d'esse nicho do Escandalo, rompia por noite alta a vozeria de uma discussão tremenda: e a vizinhança, aterrada, cuidava que os habitantes da furna se apunhalavam. Quarto acanhado e pobre. Uma pequena mesa cheia de papeis, o chão coberto de livros, — e Luiz Murat bramindo os alexandrinos dos *Châtiments*, e Pardal Mallet, de vez em quando, atirando ao brazeiro da discussão um paradoxo, e Netto sonhando, dando rédea á imaginação, de

nada. A qualquer hora do dia ou da noite, debruçado sobre a pobre mesa de pinho, o moço escriptor trabalhava, trabalhava, sem descanso, sem treguas. E gastava as paginas dos dictionarios, e abandonava o trabalho feito, e recomeçava-o, e não esmorecia.

* * *

É que já o nutria a fé que tudo vence.

O estudo soffreu a imaginação, corrigiu-lhe os desmandos, mondou-lhe os exaggeros, fez do com-



Gabinete de trabalho de Coelho Netto.

(Phot. Gutierrez.)

pé, febrilmente sacudindo os braços, debatendo-se na teia de um milhão de projectos. Nós outros, quando tratavamos ás vezes de uma simples e chata questão da vida commum, já evitavamos pedir a opinião d'elle. Quando a pediamos, o visionario, descendo a contragosto da altura em que o equilibra o seu sonho, trazia-o consigo para a vulgaridade do debate, e d'ahi a pouco estavamos todos sonhando.

Com esse constante exercicio da imaginação, coincidia uma leitura prodigiosa. Aos vinte annos, Netto conhecia a fundo Ossian e Homero, todos os poetas antigos.

Depois, veiu a phase da producção desorde-

plicado prosador das *Rhapsodias* o sereno analysta do *Inverno em flor*, sem comtudo lhe seccar a nascente dos sonhos. É um escriptor hoje, na mais nobre, na mais bella significação da palavra, porque soube *querer*, porque não gastou a mocidade na vida facil, porque teve a coragem de affrontar a fome e o anonymato longo, porque teve confiança no seu valor, porque não dissipou o talento nas frivolidades do jornalismo. Para mostrar a sua força de vontade, a sua perseverança no estudo, a sua tenacidade no trabalho, basta dizer que, chamado ha dois annos a reger a cadeira de Historia das Artes, na Escola Nacional, fez conferencias de velho erudito, de encanecido



Goelho Netto e sua Família.

(Phot. Gutierrez.)

excavador de bibliothecas e museus. O amor e a felicidade domestica vieram recompensar essa digna existencia de abnegação e trabalho. Veiu a fama, depois : o escriptor impoz o seu nome, obrigou a multidão futil que o cercava a parar com espanto diante de quem, n'esta epocha de politica rasteira, vivia amando e praticando a arte, — e venceu.

Mas se o raro publico leitor d'esta terra persistisse em desconhecer o merecimento do trabalhador, o trabalhador continuaria apesar d'isso a trabalhar. É que elle seria capaz de, como Augustin Thierry, já cego e ás portas da morte, escrever com sinceridade : « Ha no trabalho litterario um refugio e um consolo que estão ao alcance de todos nós. Com elle, atravessamos os máus dias, sem lhes sentir o peso ; com elle,

de romances, em que a vida do Brasil palpitará. A primeira exploração da terra, as origens da civilização, a morte do povo selvagem, a épopea dolorosa da escravidão, — todas as phases da nossa existencia terão de apparecer ahi, — tendo, sobre a nudez forte da verdade historica, o *manto diaphano da Fantasia*, de que falla o mestre Eça de Queiroz na epigraphe da *Reliquia*. Para que essa obra possa ser executada com a necessaria calma e o necessario cuidado, dirigiu o escriptor uma carta circular aos governadores de todos os Estados da União, pedindo-lhes que auxiliem a empreza.

Deus dê saúde e vigor áquelle que vae glori-ficar, na sua prosa de ouro, a grandeza da Patria !

Petropolis, 14 de Fevereiro de 1898.

OLAVO BILAC.



A sala de Jantar e os gatos do Coelho Netto.

MANDOVI

A JOVINO AYRES

FEITA a ultima parada, Mandovi, atirando um murro á mesa, levantou-se, deu um safanão ás calças, passou a mão pela barba e, com a sua voz retumbante, despediu-se: — Adeu, gente. Alentado caboclo, de peito largo, com uma barba negra e densa, que lhe dava ao rosto uma expressão feroz, tinha fama de valente e ninguem ousava enfrentar com elle, porque o seu pulso era uma barra e, como tinha oração, não havia bala que lhe entrasse.

— Quê, Mandovi! pois ocê vai mêmo?

— Cumu não? Estavam na sala dos fundos da venda do Manoel Monte, um destemido jogador de faca, que, segundo se dizia á bocca pequena, arranjára a vida no caminho, esfaqueando um vendelhão italiano que descia para a cidade, depois das festas do Natal, com a bolsa de couro atochada de prata. A parceirada moveu-se. Eram seis vaqueiros da redondeza que jogavam, emquanto o gado dormia nos campos frescos, á luz quieta dos astros, em torno dos ranchos. O vendeiro gordo, d'uma côr arroxeadada, em mangas de camisa, o cachimbo nos beiços, dava as cartas, e cada um dos parceiros tinha á mão um copo de aguardente e, de quando em quando, um d'elles pigarreava, cuspiam com um silvo, por entre dentes e, arrebitando o beiço, sorvia um trago com um ah! prolongado, cravando logo os cotovellos na mesa sordida, e ficando os olhos agudos no baralho seboso. Um lampião de kerosene allumiava escassamente o interior e, como cada um dos homens havia levado o seu cão, dormiam todos estirados por baixo da mesa ou pelos cantos e, de vez em vez, ouvia-se um toc-toc ou o rosnado preguiçoso de um d'elles que se espreguiçava. Manoel Monte, emquanto dava as cartas, levantou os olhos miudos para Mandovi e, com um sorriso, disse:

— Ocê vai mas é p'r'o rancho do Casimiro. Aproveita emquanto elle anda longe, bicho. Houve uma gargalhada estrondosa e todos os vaqueiros olharam para o caboclo, que accendia o cachimbo vagarosamente.

— É, ocês pensa qu'a gente não tem mais que fazê senão andá atraz do cheiro de saia cumu cachorro no rasto da cotia. Amenhã cedinho, sé Deus quizê, tô no *Cabussú* vendô umas rez nova...

— Aproveita, rapaz! disseram ainda. E, Manésinho, batendo na mesa, chamou a attenção dos parceiros: estavam duas cartas voltadas: uma dama e um seis de ouros.

— Bóta na dama, Manésinho! bradou um negro estabonado, batendo com o chapéo de couro na mesa.

— Quanto?

— Bóta um, home! Mandovi, interessando-se pelo jogo, deteve-se, firmando-se ao cajado e, de pé, com o seu esforçado corpo dominava todos os jogadores, que iam cercando as cartas; de repente um herro atroou:

— Espera! não tira, Manésinho, Diabo de carta! vêio ahi só p'ra me tentá. Não tira, Manésinho! Era Mandovi. Metteu a mão no bolso, tirou uma moeda e, passando o braço por entre dois vaqueiros, deu com ella na mesa, escondendo-a debaixo da mão espalmada. Tira, agora é limpo. Vai tudo isso no seisão! Um dos vaqueiros derreou a cabeça.

— Ocê não poude mais, hein, véio? Os outros, immo-

veis, com os olhos nas cartas, tiravam fumaradas dos cachimbos, e o ar morno, denso, impregnado de fumo, tornava-se irrespiravel; fóra, os sapos coaxavam sem descontinuar. Manésinho, sem levantar a cabeça, esperava até que o negro, coçando com furia a carapinha, bradou:

— Faz isso d'uma vez, Manésinho. O vendeiro poz-se a atirar as cartas n'um grande silencio; de repente, porém, endireitou-se, correndo um olhar rapido pela mesa; o negro bramiu afundando, com uma punhada, a copa do chapéu de couro: — Eh! lá em casa... qué sorte! e atirou com a lingua no paladar.

— Ahi! seisão onça! exclamou Mandovi. É carta de fiança mêmo! e, retirando, com desempeno, a mão de cima da moeda, deu outro safanão ás calças.

Olharam todos para a parada e houve pasmo:

— Eh! cabra! dois, hein?

— Então?! a gente honra a sua carta.

— Dois? perguntou o vendeiro com os olhos piscos.

— Pois o dinheiro não tá luzindo ahi, Manésinho? Ocê não vê? Passa o cobre dobrado. O vendeiro derreou o corpo, puxou uma gaveta e tomando um patacão entregou-o a Mandovi.

— Tá di sorte... Fica mais um bocado, rapaz.

— Quá nada! D'aqui no *Serrinho* é obra...

— Ocê vai tanto p'r'o *Serrinho* cumu eu...

— Não vou? então mió. Dá cá mais um gole ahi mode o frio, gente.

Um dos vaqueiros offereceu-lhe o copo e Mandovi bebeu com gosto, esticando a lingua para lamber os bigodes. Té amenhã, gente!

— Adeu!

— Eh! *Tigre!* levanta! Com a ponta do pé espremeu o ventre de um grande cão negro, que se levantou, esticando-se sobre as patas dianteiras e, rebolando-se, poz-se a miral-o rosnando. Bamo! Adeu, gente! E, da porta, para rir, bradou: — Dá um tombo n'esse queixada comedô, gente.

Fóra, a noite ia esplendida, fresca e de luar. A estrada, muito branca, insinuava-se pelo arvoredo e perdia-se nas sombras quietas. O caboclo lançou os olhos ao ceu estrelado onde a lua brilhava, branca e enorme, e, passando o cajado pelas costas, á altura dos hombros, vergou os braços sobre elle, ficando as mãos pendentes e assim poz-se a caminho precedido pelo cão, que seguia com o focinho baixo, zig-zagueando, a farejar a herva e o pó. Era grande o silencio e as sombras das arvores, que se despejavam sobre a estrada, tornavam-n'a, por vezes, negra, mas, logo adiante, a lua reaparecia muito clara, allumiando os passos. Vozes estranhas, longinquas, tomaram-lhe a attenção, e elle, que ia pensando em cousas vagas, tão distraído que nem dera pelo cachimbo que se havia apagado, levantou a cabeça e escutou: eram sapos n'uma lagôa, entoando monotonamente o seu canto nocturno. De vez em vez estalava uma palma secca, uma folha voava para a estrada, abrindo, na claridade do luar, uma sombra dura, e insectos ziziavam na herva rasteira. Mandovi fez uma volte repentina e olhou para traz, como se quizesse vêr a venda de Manésinho já encoberta pelo arvoredo, puxou forte pelo cachimbo e, sentindo-o apa-

gado, tirou o seu isqueiro e feriu lume. Poz-se de novo a caminho e, para distrahir-se, enquanto atravessava aquellas solidões, chamou o cão : — Eh! *Tigre* véio... ocê vai vendo o caminho? É esse mêmo, *Tigre* véio. O cão, ouvindo o seu nome, retrocedeu aos pulos, ganindo. Aguas rolavam nas mattas que beiravam a estrada com um fresco murmulho e, pouco adiante, uma velha ponte feita de grossos troncos cruzava o correjo fino, onde a lua parecia banhar-se, branca e tremula. Um bacuráo levantou vôo, desaparecendo no matto. Mandovi passou de novo o páo pelas costas, derreou a cabeça e, d'olhos no ceu, cantou baixinho :

No tope d'aquelle monte
Mora a minha occupação,
Por isso alli sobe tanto
Meu travesso coração.
.....
Por isso alli sobe tanto
Meu travesso coração.

e continuou assobiando. Calou-se para chupar o cachimbo que se havia apagado de novo; depois, seguindo uma idéa, riu, resmungando : — Hau! diabo de rapariga... Depois a gente faz uma cousa e tá hi... porque anda virando a cabeça da muié dos outro e mais uma cousa e mais outra. Por causa d'isso mêmo é que acontece tanta desgraça n'esse mundo de Deus.

A gente vai mêmo e tá hi... Atirou uma cusparada e, sacudindo a cabeça, exclamou: Quá! Casimiro não tá seguro não. Aquella!... De repente um grito silvou na matta. O cão estacou, de orelhas tesas, firme e Mandovi deteve o andar, olhando. O luar, cada vez mais brilhante, scintillava nas aguas rasas do correjo que ia seguindo a a parda estrada; grande era o silencio, nem uma folha bolia. O cão ladrou para a matta e seguiu farejando a poeira. Mandovi retomou a cantilena, mas não havia dado seis passos, quando, de novo, ouviu o grito fino e d'essa vez parecia dizer o seu nome : « Mandovi! » O caboclo sentiu um arrepio de mêdo e ficou a olhar : tudo era matto e sombra, nem uma luz de rancho, nem um boi perdido no campo. « Mandovi! »

— Eh! eh! fez o valente. A mode qu'isto aqui tá assombrado hoje. Voltou-se alongando o olhar para o caminho que percorrera : sombras moviam-se sinistramente na estrada, elle, porém, habituado áquellas caminhadas nocturnas, não se assustou com ellas, porque bem viu que eram dos galhos das arvores, mas alguma cousa tolhia-lhe o andar, uma voz interior dizia-lhe que não proseguisse. Estava ainda tão longe o *Serrinho*, a uma hora, talvez, e por dentro da matta por que a estrada ia, pouco adiante, para o babusú, esfiando um trilho estreito que se mettia pela floresta, levando á povoação pobre dos vaqueiros de Santa Iria.

Depois de uma hesitação o caboclo decidiu-se : — Quá! isso é tonteira. Aquelle Manésinho é bicho tão damnado, que é até capaz de botá alguma cousa na bebida móde a gente perdê mió. Quem é que ha de gritá por mim a esta hora n'este descampado? Isso é tonteira. Passou a mão pelos olhos e, resolutamente, animou o cão : Bamo, *Tigre*. Então ocê não ouve, véio? Bóta a bocca n'esse diabo que tá hi tomando confiança có a gente. Bóta a bocca, *Tigre*. O cão arremetteu, mas, de repente, n'uma volta subita, recuou ganindo, de orelhas murchas e, n'uma corrida desabalada, veio atropellar o caboclo, esfregando-se-lhe nas pernas com um chôro covarde. Mandovi, com os cabellos espetados, furioso, atirou um ponta-pé que, apanhando o cão pela barriga, virou-o na estrada. O animal não tugi e, apezar de repellido, tornou de rasto agachado, com a cauda encolhida, para junto do senhor.

Quá! resmungou Mandovi, isso não tá bom não... Esse caminho tem cousa. Gente não é... cachorro não foge de

gente. Isso é cousa!... E, parado, com os olhos enormes, o coração batendo precipitadamente, Mandovi perscrutava as cercanias, quando, de novo, ouviu o grito agudo : « Ma... andovi! » Estremeceu tão violentamente, que o cajado quasi foi ao chão. — Nossa Senhora! persignou-se e ficou preso á terra, agarrado ao sólo, como aquellas arvores frondosas que pareciam esconder o assombro. Uma lembrança sinistra deu-lhe ainda maior pavor : — Eh! quem falla a verdade é Jeremia... Metteu a mão no bolso mas, convencendo-se de que tinha a sua isca, tranquillizou-se : — Ainda sé fô só mode pidi fogo... E a gente que não acredite... Levantou os olhos : uma estrella cadente esfiou pelo espaço claro e calado. Deus te guie! « Mandovi! » E, logo depois d'esse grito que parecia vir d'alguem que soffria, n'uma barranca escavada, sem arvores, sem hervas, um vulto, mais branco do que o branco luar, hirtito, abrindo sobre o fundo espaço compridos braços duramente esticados, com uma fina tunica fluctuante, balouçava-se mollemente, acremente, n'um lento vai-vem, da barranca escavada ás frondes do arvoredo, das frondes á barranca. O vaqueiro abriu muito os olhos n'um espanto mudo e, tolhido, sem poder tirar-se da posição em que ficara, olhava, quando, na matta, uma estridente gargalhada vibrou. Mandovi voltou-se bruscamente e, olhando, nada viu senão as arvores mudas e o mudo caminho. O cão já alli não estava, havia desaparecido. Reuniu todas as forças e bradou por elle : *Tigre!* eôôh, *Tigre!* Uma sombra, saindo d'entre a folhagem, partiu aligera pela estrada, com tropel, perdendo-se em uma nuvem de poeira amarella; de novo o silencio cahiu.

Só, na solidão terrível, ao livido luar, diante d'aquelle estranho vulto que se balouçava sobre o caminho, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem, respirava a custo, como se lhe comprimissem o peito. Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da apparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado esquecido cahiu no pó com um baque balôfo. Mandovi estremeceu, mas já estava com a garrucha em punho; engatillou-a e, levantando-a á altura dos olhos, fez fogo; o gatilho bateu frouxo : — Cruz! disse o assombrado, descarregando o outro cano. Um grande estrondo abateu o silencio rolando trovejantemente, até que, no fundo bosque, outro tiro atroou como em resposta, mas o vulto continuou no seu molle balanço aereo com os longos braços magros abertos sobre o fundo espaço « Mandovi! Mandovi! » — Mandovi! pois sim... só sé não ha nossa Senhora. Abriu com os dedos crispados o peito da camisa e, com um safanão, arrancou d'uma fita que trazia ao pescoço um breve de couro e, fechando-o com força na mão, ameaçou com elle o vulto balouçante : Só se Nossa Senhora não tá qui. T'esconjúro! E, aos recuões que fizera afoitamente e, logo que, n'uma volta da estrada, perdeu de vista o vulto, deitou a correr desatinadamente.

A poeira adormecida levantava-se em nuvens sob os seus pés ligeiros e, na corrida, como se algum o acompanhasse, com zombaria, por vezes um grito resoava-lhe aos ouvidos. Justamente quando ia atravessando a ponte, pareceu-lhe vêr o mesmo vulto branco trepado n'um tronco secco, com os longos braços lividos e magros abertos sobre o fundo espaço. Estacou esbaforido, arquejando e, com uma voz sumida, exausto, esconjurou : — Por Nossa Senhora da Conceição, demonio! sae da minha frente! » e, d'olhos fechados, para não vêr o horror, atirou-se, n'um arranco, vencendo a passagem. Ia já pelas alturas do pasto, todo branco como um mar de leite, quando ouviu vozes e latidos. Deteve-se e, como havia uma depressão na barranca, sentou-se cansado, anciando, com o suor a escorrer-lhe pelo corpo :

— Por Deus Nosso Senhor! nunca vi uma cousa assim. Jeremia tem razão... e a gente que tomava pagode có elle. Instinctivamente voltou os olhos para a estrada, como se ainda quizesse vêr a apparição e olhando ficou alli, esquecido e molle, vergado de fadiga, a raspar a fronte de quando em quando com o pollegar, para escorrer o suor que cahia na terra em fio. Justamente defronte do sitio em que havia parado, começava uma picada e longe, perdida entre arvores, n'um fundo negro, uma luzinha brilhava. Já as vozes vinham perto em algazarra; cães appareceram, correndo, abocanhando-se, mas, sentindo-o alli e desconhecendo-o, acuraram ladrando;

— Eh! cala a bocca, porcaria! intimou o caboclo e os animaes, reconhecendo-o, abanando as caudas, festejaram-n'o. Estava elle a afagar a canzoada, quando os vaqueiros surgiram na volta do caminho. O negro vociferava esmurando o espaço, quando um do grupo descobriu Mandovi.

— Eh! home! qu'è isso? Océ aqui! Todos romperam a rir. Ahn! muié é o diabo!

— Oie só, bradou o negro mostrando a luzinha ao longe. E disse que ia p'r'o *Serrinho*. Essa aqui se não é a picada do rancho do Casimiro eu não quero me chamá Simeão. Eh! véio onça... Tá di guarda no tôco. Coitada de nhá nica! Mandovi ia responder, mas, para que o não tomassem por medroso, porque teria de justificar com a verdade a sua presença n'aquelle ponto, levantou a cabeça e ainda com a voz cançada perguntou amuado.

— E isso é da conta de ocê, Simeão?

— Uai a gente tá brincando, Mandovi: não precisa zangá mode muié. Mas ninguém gosta de passá pur tolo. Que ocê foi... isso... tem paciencia, cumpade. Os vaqueiros affirmaram rindo: Eh! cumu não?...

Animado com a presença dos companheiros, o caboclo levantou-se, accendeu o cachimbo e, sem dar mais attenção ao negro que continuava a tagarellar, perguntou:— Océis vão p'r'o *Serrinho*?

— Cumu não? a gente não tem rancho p'ra ficá.

— Rancho só? e aquella carinha que até faz dô quando a gente oia p'ra ella...

— Tá bom, gente, deixa de brincadeira. Casimiro é cumpanheiro e se isso chega ao ouvido d'elle... Bamo acabá com isso... Seguiram discutindo as ligeirizas de Manésinho e iam pelas alturas da ponte, quando Mandovi ouviu o grito na matta. Estremeceu mas, fingindo grande calma, perguntou:— Que é isso que grita assim, gente?

— Então ocê não sabe? ocê não conhece sacy. E um dos vaqueiros, para rir, respondeu á ave sinistra.

— Deixa disso, Amaro. Não brinca com essas cousas não; disse o negro.

— Océ tem mêdo? e estalou com a lingua. Elle que venha cá.

— Não falla assim, Amaro. A gente com um home péga mêmo, mas com essas cousas do matto não é bom brincá. E longe, no fundo arvoredado, a ave gritou de novo. Quando chegaram á altura da barranca, Mandovi, erguendo os olhos, aterrado, deu com o vulto balouçando-se e, involuntariamente, deteve-se:

— Qu'è isso, Mandovi? qu'è que ocê vio que tá assim sarapantado?

— Aquillo alli, na barranca.

— Onde?

— Oia alli, aquella cousa branca?

— O' home?! aquillo é uma foia de parmêra qui dispencou... E o negro voltando-se para Amaro, recriminou-o.

Tá vendo? ocê começa a brincá com essas cousas e Mandovi mêmo tá hi cum medo. Deixa d'isso, rapaz. A gente não sabe isso que é p'ra que ha de andá bulindo? Não faz isso não, Amaro. Oia Jeremia... Tanto fez, tanto fez... Era outro que, por causa de muié, botava o pé no caminho e nem que visse o diabo havia de passá mêmo... não tá hi bobeando? Não faz isso não, Amaro, Passavam justamente no sitio assombrado e Mandovi convenceu-se do que dissera o Amaro, vendo a palma a balouçar-se, quando um dos vaqueiros disse, detendo-se:

— Oia, foi aqui que o intaliano appareceu morto.

— Qu'intaliano?

— Esse da historia de Manésinho.

— Foi aqui?

— Foi; pertinho da barranca.

— Como é que disseram que foi na beira do rio?

— Não é capaz — foi aqui mêmo. Eu passei de manhã e vi o corpo já n'uma moscaria de mettê medo.

Quê vê? e o vaqueiro foi pelo matto apartando os ramos, até que descobriu uma cruz diante d'uma taboa coberta d'uma pasta de sebo derretido. Eu não disse? oia onde elle tá enterrado. Curvaram-se todqs curiosamente e os cães, que haviam acompanhado os donos, mettiam-se pelo matto, aos galões, como se buscassem alguma presa. Quando os vaqueiros tornaram á estrada, o negro, que ia para o Cabussú, tendo de os deixar, despediu-se depois de haver apagado o cachimbo.

— Adeu, gente. Océis foi fallá di tanta cousa qu'eu não sei cumu vou por esses matto sosinho... Oia, fogo já não levo mais... não, que eu não quero historia no caminho. Jeremia tá hi e Jeremia não tinha medo de nada.

— E ocê tá cum medo, Simeão? perguntou Mandovi.

— Océ pensa que eu tenho vergonha de dizê? Tô cum medo sim... Não, meu amigo, p'ra home ou p'ra bicho a gente estica uma lingua de ferro ou bóta fogo e passa, mas cum essas cousa da matta virge? Tomára a gente um buraco p'ra s'escondê. Deus me livre...! sou home p'ra outro home cumu eu, mas não quero sabê de incanto.

— Quá incanto...

— Quá incanto? pois sim. Océ falla assim porque nunca se viu bambo com uma d'essas cousas, tá bom. Vai te fiando. Jeremia tambem não tinha mêdo de nada, e hoje...?

— Tá bom, adeu!

— Adeu! Apartaram-se. O negro seguiu com o cão pela estrada larga e allumiada e estendeu a voz.

Sapateia, moreninha
Océ não bate no chão,
Pode batê sem receio
Qui batê em meu coração

— Eh! mêdo... bradou o Amaro, e Simeão, já longe, respondeu: Heu... heu... E, atravessando a matta obscura, os vaqueiros, como para não interromperem o somno das cousas, iam calados, um a um, afastando ramos; os cães seguiam-n'os em silencio e Mandovi, lembrando-se do vulto branco que se balouçava, com os braços lividos e magros abertos no fundo espaço, pensava com terror « Foi o intaliano mêmo qui me appareceu... Foi o intaliano mêmo ». E as folhas estalavam sob os passos e, de quando em quando, o que ia na frente, avisava: « Baixa gente, oia o páo... oia agua, gente; » e a marcha continuava em silencio atravez da matta silenciosa.

COELHO NETTO.

A Princesa de Joinville

NASCIDA a 2 de Agosto de 1824, a princesa Francisca de Bragança teve por pae o primeiro imperador do Brazil e por mãe a archidueza Leopoldina, filha de Francisco Iº, imperador d'Austria.

Era, portanto, irmã de D. Pedro II, o qual reinava no Brazil, quando, a 28 de Março de 1843, o principe de Joinville aportou á bahia de Guanabara, a bordo da fragata *Belle-Poule*, o navio que de S. Helena transportára á França as cinzas de Napoleão, o Grande.

O casamento do principe francez com a princesa brasileira, ardentemente desejado pelo rei Luiz Philippe e pela rainha Maria Amelia, pae e mãe do noivo, effectou-se no Rio de Janeiro a 1º de Maio de 1843.

Grandes festas marcaram a data d'esse faustoso acontecimento que associou em commum alegria a população fluminense e a Familia Imperial; e foi com sincero pezar que a bella capital do Brasil viu partir a captivante filha de D. Pedro I.

Depois de terem passado alguns dias no palacio de S. Christovão, embarcaram os recém-casados na fragata *Belle-Poule*, que os trouxe a Brest, onde a 23 de Julho, chegaram, saudados pela artilheria dos navios ancorados no vasto porto.

A França inteira concedeu aos jovens principes um acolhimento grandemente sympathico, porquanto o principe de Joinville era, então, o mais popular e o mais estimado d'entre os filhos do rei. D'elle se dizia que era « o menos conhecido e o mais estimado dos principes d'Orléans ».

Admirava-se o seu character leal e cavalheiresco, o seu espirito scintillante e vivo, a sua jovialidade natural, o seu sincero liberalismo.

A sua dedicação patria, do que elle déra brilhantes provas, em temerosas façanhas em S. João d'Ulloa e em Vera-Cruz, tinha-lhe granjeado a sympathia do exercito.

O povo venerava a cruz da Legião de Honra que o bravo marinheiro trazia ao peito, não como inherente insignia da sua nobreza nativa, mas como justa e merecida recompensa aos seus actos de indiscutida coragem.

A princesa de Joinville conquistou logo todos os suffragios por suas virtudes, sua graça juvenil, sua belleza delicada e sua lucida intelligencia.

Os seus grandes olhos expressivos, a natural elegancia de seu busto, a sua physionomia correctea, em que á gravidade nobre da sua raça se alliava uma vivacidade radiante, davam á joven nora do rei dos Francezes uma semelhança flagrante com essa ideal princesa Maria d'Orléans que esculpiu a estatua de Joanna d'Arc.

A princesa de Joinville não estava em Paris, quando rebentou a revolução de 1848.

Por exigencias de sua saúde vacillante, achava-se em Alger, em companhia do principe e do duque e da duqueza d'Aumale, seus cunhados.

A 3 de Março, os dois filhos do rei Luiz Philippe abandonavam a Algeria; partiam para o exilio, e a essa par-

tida, a que os forçavam as circumstancias politicas da França, refere-se, em suas interessantes memorias, o principe de Joinville, que relata a deferencia e as manifestações de sympathia que francezes e indigenas tributavam aos vencidos, cuja familia deixava a França prospera, intacta e respeitada, possuindo, além de um forte exercito, uma marinha poderosa.

Exiladas como seus maridos e seus filhos pela lei de 26 de Maio de 1848, as princezas d'Orléans só na terceira republica puderam regressar á França. Tres d'entre ellas, a duqueza de Nemours, a duqueza d'Orléans e a duqueza d'Aumale, morreram no estrangeiro.

A princesa de Joinville reviu o paiz em que se tinham passado os primeiros annos de seu casamento, e onde tantas e tão solidas amizades havia sabido conquistar.

Nos dias angustiosos de sua vida, a princesa se mostrou tão digna e tão admiravel como nas epochas mais prosperas e mais brilhantes de sua existencia.

Ella foi a dedicada amiga de seu irmão, o soberano exilado, que recebia diariamente a sua consoladora visita, até o dia em que n'um hotel de Paris a sua alma de justo deixou a terra onde tanto soffrera.

A vida da princesa de Joinville, consagrada á pratica das boas obras e á caridade, pôde ser citada como o mais nobre exemplo de todas as virtudes christãs.

Ao seu dominio d'Arc-en-Barrois, á sua pittoresca villa de Chantilly, como á sua modesta residencia da avenue d'Antin, os pobres acudiam, certos de que acompanharia á esmola uma palavra de consolo e de esperanza.

A illustre princesa deixa uma filha, a duqueza de Chartres, e um filho, o duque de Penthièvre, que tinham por ella uma ternura profunda.

Funeraes verdadeiramente regios foram feitos em Dreux, para onde foram transportados os restos da piedosa senhora.

Um trem especial partindo da *gare Saint-Lazare* conduziu a Dreux o feretro e todos os convidados que iam prestar a essa illustre Senhora a ultima homenagem. A casa de França desenvolveu a maior pompa fazendo lembrar as ceremonias funebres da cõrte de Luiz Philippe.

Os coches de gala conduziram as princezas, da estação directamente á capella; e o carro funerario escoltado por todos os servidores em grande luto, era seguido de um immenso cortejo de representantes dos soberanos, principes de Orléans, corpo diplomatico e centenas de pessoas cujos nomes pertencem á mais alta aristocracia de França e d'Europa.

Chegado o cortejo á praça da Capella, o clero na sua mais completa representação veiu em processão receber o feretro da princesa Joinville, que foi conduzido sob o pallio á sua derradeira morada.

A morte da princesa de Joinville enche de luto as casas de França, de Bragança e das Duas-Scilias.



PRINCEZA DE JOINVILLE

Artistas celebres

Wanda de Boncza

WANDA Rutkowska, chamada Wanda de Boncza, nasceu na Polónia em 1872.

Estudou no Conservatorio de Paris, onde recebeu as lições de Worms, obtendo o primeiro premio de comedia em 1894, com a recitação de uma scena de *Une visite de nocés*.

Estreou-se no Odéon a 20 de Setembro do mesmo anno, em *La Barynia*, representando, em seguida, *Fiancés*, *Le Mariage d'Olympe*, *Pour la couronne*, *Les Danicheff*, *Le Roman d'un jeune homme pauvre*.

No drama de François Coppée, *Pour la couronne*, Wanda de Boncza fez uma inolvidavel criação do papel de Militza, a escrava submissa e docil, que se apunhala por não poder sobreviver á morte do homem a quem consagrara um amor silencioso e sem esperanza. Graças ao extraordinario successo que n'essa peça obteve a gentilissima actriz, foi convidada a fazer porte do escolhido elenco da Comédie-Française, onde se estreiou a 30 de Novembro de 1896, na comedia-drama de Alfred de Musset, *On ne badine pas avec l'amour*.

— Arrependo-me de ter escolhido para a minha estréa o papel de Camilla, diz hoje a graciosa artista.

A escolha podia, effectivamente, ter sido melhor, porquanto não convem á natureza de Wanda esse personagem de tão complicada psychologia.

Mas a verdadeira estréa da talentosa actriz foi na *reprise* da *Étrangère*, de Alexandre Dumas fils, que ella desempenhou de modo a merecer unanimes e francos encomios, depois de haver creado, aliás, um papel na *Loi de l'homme*, de Paul Hervieu, e em *Et violence*, de Pailleron.

Sarcey, o critico severo, consagrou na sua « *Chronica theatral* » do *Temps* algumas linhas extremamente elogiosas á bella *pensionnaire*, que encarna admiravelmente a excentrica mistres Clarkson, á interpretação da qual o physico de Wanda especialmente se adapta, pois é morena, de grandes olhos avelludados e pretos, espessos e annellados cabellos negros. É a mistres Clarkson sonhada pelo immortal dramaturgo.

Tendo tido um jornal parisiense a idéa de estabelecer um concurso de belleza entre as artistas de canto, drama ou dança de todos os theatros d'esta capital, avultado numero de leitores attendeu ao convite. O nome de Wanda de Boncza, que attingiu á somma de oito mil votos, obteve o ter-

ceiro logar na classificação, tendo o segundo a escultural cantora Sybil Sanderson, e alcançando o maior numero de votos a famosa Cléo de Mérode, dansarina da grande Opera.

ESPECTADOR.



WANDA DE BONCZA





MARIE LLOYD



THE LITTLE - ELEANOR DE WASHINGTON



ETHEL GIBSON



MRS. HILL - DAUGHTER OF THE LATE MRS. HILL



MISS WASHINGTON



MRS. WALKER



MRS. LLOYD



MRS. JONES



MRS. SMITH

TIPOS DE BELLEZA



UM COSMOPOLITA



ENTEMO-NOS aqui. Vamos vêr passar os conhecidos.

— Os seus conhecidos.

— E os seus, talvez... Porque chegou hontem, imagina que não conhece ninguem em Pariz? Vae vêr

que sim. Isto aqui é uma encruzilhada do mundo: quem anda pelas estradas durante annos, acaba conhecendo os tropeiros com quem viajou ou pernoitou nos pousos. E depois, os que viajam são menos do que os que ficam em casa: a gente lhes presta attenção, quando não seja senão por nos virem á memoria acompanhando impressões vivas de cousas unicas, de cousas raras, de cousas novas... Insensivelmente vamos ficando reconhecidos á persistencia com que elles passam pelo nosso caminho, como para nos dar a illusão de que o mundo é cheio de caras amigas... Ás mais das vezes nem lhes sabemos os nomes...

— E são conhecidos!...

— Como os outros, como os amigos, de nomes sabidos e posição social e relações mundanas, que para nós têm sempre um canto escuro, um veu corrido sobre a alma, tão pesado que só o vento das paixões o aparta...

Deixo de attender á tirada misanthropica do meu companheiro e examino a scena, nova para mim, da praça da Opera n'uma tarde de primavera, á hora em que as ruas se enchem de gente voltando para casa, á hora melancolica em que nas outras cidades forçosamente nos lembramos de Pariz.

Ainda ha muita luz descendo do ceu claro como de um tecto transparente de crystal azul cinzado. O ar é fresco e puro. Ha muito movimento de carros de luxo, de fiacres sujos, de omnibus apinhados de passageiros, de carros de annuncios, de velocipedes passando rapidos. E nas duas calçadas do boulevard das Capuchinhas formiga o povo n'um duplo cordão escuro, alegrado a espaços por um vestido claro, um chapéu florido, uma blusa branca de operario, um avental de criada.

O ruido quasi continuo se ensurdece e amansa, fundindo-se no ouvido, como a zoadá do mar. Alli, na esquina do Café da Paz, tão bem como n'uma quebrada solitaria de montanha, sente-se a harmonia dos sons, das fórmás, da claridade, dos aromas. Uma mulher que passa, deixa um rasto de perfumes misturados, pelle e

seda aquecidas na marcha, uma catinga vaga combinada de flôres seccas com a fartum acre e quente de uma colmeia á hora dos enxames... Tudo isto descriminavel para o olfacto fino de um recém-chegado dos tropicos. Um criado trouxe uma bandeja com bebidas. Sob o meu nariz levantou-se o perfume do vermuth, evocativo deervas sylvestres pisadas, e logo toda a musica do boulevard de Pariz entrou-me no acompanhamento da canção da viagem imaginaria. Esqueci o Dr. Sampaio durante cinco minutos, tempo sufficiente para que elle concluísse o seu discurso sobre os conhecidos de que a gente não sabe o nome e que não deixam por isso de ser excellentes relações. Teve um mau remate:

— Com elles não somos obrigados senão a ser polidos, a amabilidade com que os tratamos é a estricta. A frieza não nos é levada a má conta. Assim eu, que apenas cumprimento de chapéu a um gentleman, que póde ser um bandido, mas que é talvez um par de Inglaterra, sou obrigado a custosos rapapés áquelle homem da Jurujuba que alli vae, com quem não sympathiso... principalmente porque o conheço demais.

O homem da Jurujuba ia de proa feita n'outro rumo que o do Café da Paz. Saudou de longe e não parou, não veiu obrigar o meu amigo aos taes custosos rapapés. Ouvi-lhe um « Ainda bem! » surdo e quasi descontente. No mesmo instante chegou-se a nós um cavalheiro de maneiras um tanto faceis demais, que emquanto se fazia a troca dos cumprimentos, foi-se logo abancando e pedindo o seu aperitivo.

Entraram os dous a conversar em francez sobre cousas vagas, impessoaes, politica, tempo, artigos de jornaes, commentarios sobre o ultimo processo no jury. O homem falava bem, n'uma linguagem facil, de phrases feitas e idéas corridas, commum de fórmula e sem relevo, mas tambem sem inflexões parizienses de pronuncia. De repente dirigiu-me a palavra em portuguez, pedindo-me noticias de amigos do Rio, mostrando-se pessoalmente informado das nossas cousas. Discorreu exuberantemente sobre os encantos da vida fluminense, a nossa hospitalidade, a bonhomia e cordura das relações mais faceis do que em qualquer outra capital. Celebrou o encanto das nossas festas familiares, a poesia dos passeios nocturnos pelos arrabaldes, a belleza incomparavel da paizagem dos arredores do Rio... Recordou nomes

prestigiosos de mulheres, nacionalisou-as, para ainda mais encarecer a memoria de sua temporada entre as filhas da « Guanabara formosa. » E falava portuguez com a mesma fluencia com que falava francez, ajuntando mesmo um pouco da nossa languidez carioca á pronuncia mais bem syllabada do que a dos portuguezes da Europa.

Sem saber porque, desagradou-me aquillo. Parecia que o homem arremedava, que se afinava demais pela pronuncia dos seus interlocutores. Respondi-lhe laconicamente, perscrutando-lhe os olhos apagados e incertos, mostrando-me desconfiado. Elle sentiu a minha reserva ou se desinteressou do assumpto e passou a outro, sempre com a mesma polidez, com uma quasi bondade na approvação das idéas que exprimia o seu interlocutor. Por fim interpellou um grupo e separou-se de nós para se aggregara elle.

Interroguei o Dr. Sampaio sobre aquelle francez, que falava tão bem o portuguez.

— É um inglez ou um hespanhol. Chama-se Jorge Eggerton Morales. Tem muita facilidade para as linguas. Fala perfeitamente seis ou sete. Tambem tem viajado muito. Creio que é jornalista aqui em Pariz. Conheci-o em Roma. Vae a toda a parte. Vejo-o muitas vezes no theatro com mulheres estupendas. Toda a gente o conhece.

— Ou elle conhece toda a gente?

— Não é mau sujeito, com tudo isto. Tem mesmo algumas boas qualidades...

— Em summa, não é senão um conhecido seu?

— Simplesmente.

Foi já ha alguns annos este encontro e muitas vezes depois tive occasião de conversar com o tal Morales sem lhe dar maior attenção do que a outro qualquer conhecido da rua. Só a sua prodigiosa adaptação á pronuncia das locuções particulares, dos idiotismos nacionaes, me faziam especie. N'uma das cartas de Fradique Mendes essa rara qualidade do polyglotismo vem discutida como um defeito, como um symptoma vehemente de falta de character. Symptoma negativo, que não definia o homem. Não basta chamar de cêra molle o espirito que recebe indistinctamente as impressões do mundo exterior, para lhe attribuir inferioridade pessoal, falta de persistencia, substituição successiva de consciencias ao sabor dos ambientes, que é a falta de character. Como se respondesse a essa accusação, que ninguem certamente se dava ao trabalho de lhe fazer, escreveu Morales um dia, na chronica bibliographica do seu jornal uma nota sentida sobre os livros de viagens que não dão através dos seus auctores a impressão dos horizontes differentes:

« O auctor levou ás terras do Extremo Oriente a sua maneira de vêr franceza e, o que é peor, universitaria. Isto é, perdeu um grande esforço em apreciar as apparencias de povos extranhos de raça e de sentimentos á luz da civilização greco-latina, que *pôde ser* superior ás outras, mas que tem o defeito, capital na especie, de ser exclusivista. As conclusões doutrinarias dos livros de viagens dos francezes se resentem d'isso. Em vez de sentir dilatar-se a sua humanidade, o leitor acompanha o auctor como a um guia que lhe mostra as curiosidades de maravilhosas tribus animaes n'um museu zoologico, tão fóra de contacto lhe parecem esses seres longinquos e exquisitos. É que o viajante nunca se deixou influir pelo desejo de viver uns dias a vida dos povos que visita,

nunca experimentou no coração inteiramente absorvido pelo amor estreito da sua patria a concurrencia de uma nova ternura ainda mais generosa pelos novos companheiros de prisão terrestre, que acaba de conhecer. Descobrir em si novas fontes de gozo affectivo, estender a fraternidade além das fronteiras da lingua, da raça, da côr e da moral, reconhecer entre os traços dos caracteres exóticos alguns que em nós pareciam inexplicaveis e d'elles conjecturar filiações aventurosas no correr dos seculos e através do turbilhão da Historia, seriam resultados meritorios das viagens dos modernos, se elles soubessem viajar. Mas o homem civilizado é tão orgulhoso, que até pretende falar a sua lingua em terra alheia, como para escapar á suggestão da força e da belleza das outras nacionalidades, que nos vem com a pratica familiar dos idiomas locaes, com o conhecimento profundo da sentimentalidade, com a adopção das toadas nativas de pronuncia, que nos abrem os corações insuspeitosos do indigena reconhecido e encantado... »

Era este o trecho capital do artiguinho, mal composto e sem estylo, muito abstractivo, cheio de idéas obscuras, como de quem não tem o habito de escrever com reflexões pessoaes e originaes. Depois que o li, acreditei que a falta de character linguistico do meu conhecido não correspondia a uma plasticidade moral absoluta. Tanto mais quanto, independente de considerações interesseiras, elle era reconhecido aos beneficios que lhe fizessem; era antes indulgente para com as fraquezas alheias, como se uma longa experiencia do mundo lhe tivesse ensinado a precariedade da virtude e as atenuantes provaveis dos vicios sociaes.

Tambem não eram aggressivos os seus vicios. Todo o seu esforço parecia consistir em se fazer admittir á partilha dos gozos materiaes da vida, cuja esthetica tão voluptuosamente professava. Fóra d'isso vivia mysteriosamente, de recursos pouco precisos, de que ninguem indagava, como se fossem forçosamente vergonhosos, e se abrigava por traz de mentiras multiplicadas, defensivas do recato da sua pessoa verdadeira.

Os jornaes do boulevard noticiaram um dia que, victima de um desastre, o bem conhecido « nosso collega » Morales sahira de um encontro de carros todo esmurado e com um braço quebrado.

D'ahi a tempos explicava elle aos amigos, isto é, a todo o mundo, confidencialmente, que o seu desastre não tinha sido mais do que uma formidavel tunda que lhe dera o director do jornal em que trabalhava como secretario da redacção, por causa da commissão tirada por elle de uma subvenção que obtivera para a folha, commissão que o duro director achou exaggerada, quando veio a saber, e castigou com mão severa, como um roubo.

Acharam que a revelação de Morales, feita com a mesma voz mansa e igual, sem exclamações, sem amargura nem odio, era um acto de cynismo. Podia ser outra cousa, podia ser a sublime humildade, que lhe dictava a confissão publica. Em todo o caso era singular.

Morales andava muitas vezes com bonitas mulheres, que o procuravam, dizia-se, pelas suas relações com o mundo estrangeiro, na tribu nomada dos Rastaquères. Ninguem olhava para elle então, que assim o julgavam incapaz de ser querido por uma mulher ordinaria? Era,

senão bonito, ao menos regular de feições, de bom porte, elegante, polido, amavel e serviçal : não raro ellas se contentam com isso. Evidentemente era um amoroso : transfigurava-se quando dava o braço a uma mulher. Estando de villeggiatura em Pierrefonds, vi-o entrar na sala do Hôtel des Bains ao lado de uma bella creatura. Ia contente, altivo, respirando com o desafogo de um homem livre e digno. E no meio da turba desconhecida de parizienses *en ribote*, a mulher não tinha sorrisos e attenção senão para o seu companheiro de vida escura e vergonhosa. De tarde, enquanto abria penosamente com o meu bote uma passagem entre os nenuphars do lago, ouvi-os que conversavam perto sob as arvores da margem, com palavras de carinho e ternura. Era um casal de namorados como outro qualquer, aquella rapariga de cabellos tintos de ruivo, aquelle homem de monoculo e bigode frisado, que, escapos por umas horas de Pariz, alli passeavam pelas alamedas do parque, esperando o jantar, n'um calido domingo de verão. D'ahi a dias, no Jardim de Pariz, a mulher ia ao braço de outro homem e Morales ao lado conversava animadamente com os dous, gracejando, fazendo espirito. O casal sahiu e Morales foi annexar-se a outro grupo de amigos. O incidente me desnor-teou completamente na apreciação do seu character. Morales me escapava a uma classificação decente.

A mentira, que tão facilmente descobrimos no olhar de um homem honesto, forçado a usar d'ella, embebia de alguma sorte toda a individualidade do nosso conhecido. As suas affirmações raramente mereciam a pena de uma prova. Apanhado em uma mentira, elle passava a outra imperturbavelmente. Assim é que desistiram de saber a sua nacionalidade. Era de Cosmopolis, do bairro suspeito.

Morava em um quartinho miseravel, n'um quinto andar da rua Greneta, sem sol e quasi sem ar. Era a porteira quem lhe fazia a cama e arrumava a casa, quasi por caridade, por lhe querer bem, que elle invariavelmente se esquecia de lhe pagar os serviços. Ainda para essa humilde creatura elle não tirava a sua mascara de fingida alegria, não mudava da inalteravel doçura de

trato. Apagada a vela, fechadas as portas, talvez praguejasse, rezasse, pensasse na lingua da sua infancia, reintegrasse a personalidade esfarellada aos attritos do mundo. Mas das descidas aos mysteriosos desvãos da sua consciencia nenhum signal restava quando de manhan dava os bons dias á porteira, ao descer para a lida da mentira.

Um dia não se levantou e a boa velha foi encontral-o de tarde, estendido na cama, tolhido de movimentos e sem fala. A mulher entrou a chamar por elle, a sacudil-o para que lhe dissesse o que tinha, e, compassivamente, affligindo-se com a miseria d'aquelle homem moço e forte, alli morrendo no abandono, tentava dar-lhe coragem, falava-lhe carinhosamente, para que fosse razoavel, não se deixasse ir assim entregue ao desanimo, que estava a se fazer mal pensando que ninguem olhava por elle... Morales mirava-a como já de muito longe, com um vago sorriso penoso, de uma tristeza infinita, e ia esmorecendo cada vez mais. Por fim chamou a velha com um gesto e, pegando-lhe na mão com muito esforço, levou-a aos labios já coloridos com a violeta da morte. Duas lagrimas lhe borbulharam nos olhos, que se moveram uma derradeira vez para as exprimer, e o desconhecido expirou.

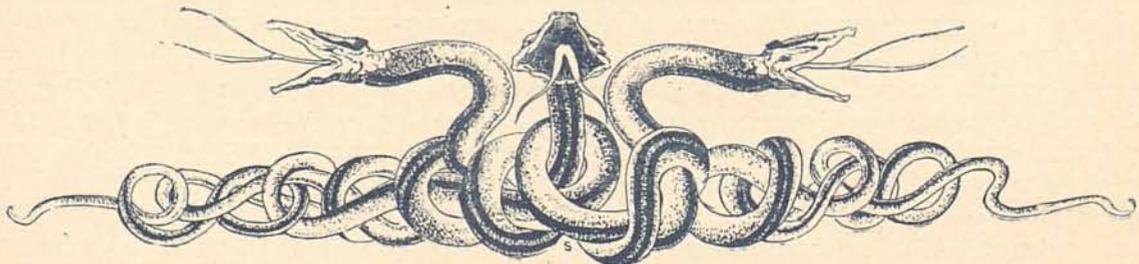
Os jornaes noticiaram a sua morte, sem affeição nem odio, como quando se escreve pela ultima vez sobre um typo curioso. E alguns dias depois, no terraço do Tortoni, que Morales tanto frequentara, vindo-se a falar d'elle, um jornalista o classificou como simples cavalheiro de industria. Mas houve reclamações e um dos defensores do conhecido anglo-hespanhol cosmopolita concluiu assim o seu breve discurso :

— ... O que não soffre duvida é que aquelle homem tinha um coração. E senão me expliquem como um canalha, ladrão de jogo, alcoviteiro, covarde e sem escrupulos póde morrer de uma lesão cardiaca, beijando a mão da ultima creatura humana que lhe fez bem desinteressadamente...

— Era um enigma, disse outro.

— E entretanto nós todos o conheciamos...

DOMICIO DA GAMA.



EMILIO ZOLA

EMQUANTO perante a « Cour de Cassation » o eloquente advogado Labori appellava da sentença do jury civil que condemnou a um anno de prisão e a tres mil francos de multa (pena maxima) o escriptor Emilio Zola, o nome do illustre homem de letras, em torno do qual tantas e tão vivas discussões se tinham travado, deixou de apparecer nos jornaes como alvo a manifestações de odio ou a demonstrações de sympathia.

E a esse assumpto, que preoccupou de modo excepcionalmente duradouro o espirito publico, provocando duellos e sérias rixas, tanto em França quanto no estrangeiro, succederam-se outras questões, que foram as novidades de um dia, e que vinte e quatro horas após eram esquecidas no torvelinho continuo d'esta grande cidade.

Mas a questão Zola, que decorreu da questão Esterhazy, como esta se originou da interminada questão Dreyfus, veio de novo á luz, com a decisão inesperada da Côte de Appellação, a qual annulla a sentença proferida pelo jury civil, com o applauso frenetico da imprensa favoravel ao celebrado romancista, com a virulenta censura das folhas que combateram o syndicato mais ou menos phantastico, syndicato de israelistas, dizia-se, destinado a rehabilitar o capitão Dreyfus, o desterrado.

Entre os motivos que ante o tribunal superior foram invocados como lacunas no processo ultimado pelo jury, citava-se o facto de não terem sido ouvidas varias testemunhas, além da liberdade de defesa muita vezes recusada pelo presidente Delegorgue.

Quem tiver acompanhando os sensacionaes debates em que a personalidade de Emilio Zola tão rudes ataques soffreu de seus im-

placaveis adversarios, recordar-se-ha de que, por motivos diversos, deixaram de comparecer á barra do tribunal civil diferentes testemunhas da defesa, como não se esquecerá de que o presidente com frequencia negou aos advogados Labori e Clemenceau, aquelle defensor de Zola, este defensor do gerente da *Aurore*, a faculdade de interrogarem as testemunhas favoraveis ao accusado.

A Côte de Appellação, levando em linha de conta essas considerações, salientou, como erro primordial em todo o longo processo, a flagrante incompetencia do ministro da guerra, como promotor da accusação que determinou o comparecimento de Emilio Zola perante o jury, porquanto pensa aquelle tribunal que, no caso vertente, tratando-se de uma diffamação collectiva, endereçada a uma corporação constituída, só a ella competia, em assembléa geral, formular o protesto que em seu nome, illegalmente, emittiu o Sr. Billot, ministro da guerra.

Em virtude, pois, d'esse erro de fórma, foi annullada

a sentença de 23 de Fevereiro, que condemnou o escriptor, declarando a Côte de Appellação que a nenhum outro jury terá de ser novamente submettido o corajoso litterato, que, arrostando as mais violentas coleras, aconselhado apenas pela sua convicção, da qual não duvidaram os seus proprios adversarios, viu contra si ameaçadora a população d'esta capital, durante os longos e dolorosos dias do inolvidavel processo.

A pequena opposição que na camara tem o ministerio Méline não deixaria, evidentemente, passar despercebido tão excellente pretexto para uma interpellação. Os deputados Chiché e Habert, interpellando o presidente do conselho sobre a decisão do Tribunal de Appellação, pediram, com indignação ruidosa, que fosse, como acto de immediata justiça, demittido o procurador geral, o Sr. Manau, o qual solicitára a Zola, na peroração de seu requisitorio, que tivesse compaixão da França.

« A França não precisa da compaixão de ninguem », dizem, inflammados por ardente patriotismo, os deputados interpellantes, que esperam do governo urgentes e extraordinarias medidas de energia.

Mas o Sr. Méline, subindo á tribuna, declara, com o seu costumado bom senso, que presta, como sempre, inteira obediencia á lei e que se curva perante a soberania do julgamento. Aosquesuppõem terhavido n'essa questão a cumplicidade tacita do ministerio, elle recorda a posição assumida pelo governo desde o começo d'essa lucta lamentavel.

A sessão foi agitada; e sem ter a camara offerecido scenas de pugilato, como em epocha mais irritante da questão Dreyfus, não deixou a extrema-esquerda de vociferar com a habitual vehemencia.

Está finda a contenda em que o nome de Dreyfus

representa o motivo de tantas paixões e tanta acrimonia? Seria afoito quem o affirmasse. Não é impossivel que surpresas de qualquer sorte venham dar nova actualidade a essa polemica, seguramente a mais complicada e a mais extranha em que a França se tem debatido.

Quando mais accesas iam as coleras suscitadas pela attitude de Emilio Zola, deu elle á publicidade o seu ultimo livro — Paris — que completa a « trilogia das cidades ».

Ao successo que tiveram *Lourdes* e *Rome*, successo puramente litterario, veio, com relação ao derradeiro trabalho do escriptor, juntar-se o successo de curiosidade, porquanto, vilipendiado por uns ou abençoado por outros, o nome do pujante romancista se achava, então, em plena evidencia.

Não vem, julgamos, fóra de proposito, recordar n'este momento, em poucas palavras, a carreira trabalhosa do homem de letras, que representará na historia da litteratura franceza a sua epocha, e que será eternamente



EMILIO ZOLA

citado ao lado de Flaubert e de Daudet, não obstante as dissemelhanças inherentes ao temperamento e á natureza de cada um.

Filho de um engenheiro italiano, que se tornou conhecido por importantes obras hydraulicas, Emilio Zola nasceu, em Paris, no anno de 1840.

Os seus primeiros annos foram difficeis. Modesto empregado da livraria Hachette, publicou elle em 1864 os seus « Contes à Ninon », que attrahiram a attenção da critica, á qual havia passado inteiramente despercebida a sua primeira producção.

Mas a individualidade litteraria de Zola só se affirmou com a publicação de *Thérèse Raquin*, que, elogiada — embora com restricções — por Sainte-Beuve, tornou conhecido o nome do escriptor.

Independentemente de artigos de critica litteraria ou de polemica, publicados no *Petit Journal*, *Tribune*, *Salut Public*, *Evénement*, *Vie parisienne*, *Figaro*, foi Zola dando á publicidade varios romances, com os quaes alcançou o alto renome de que actualmente goza.

Depois de um interessante estudo biographico sobre o pintor *Eduardo Manet*, que, provocando violenta discussão na imprensa, concorreu grandemente para a notoriedade do artista, appareceram os seus livros de critica: *Mes haines*, *Les romanciers naturalistes*, *Le naturalisme au théâtre*, *Une campagne* (collecção de artigos publicados no *Figaro*), *Documents littéraires*, etc.

No theatro, onde o naturalismo encontra explicaveis obstaculos, pois que todas as necessarias convenções theatraes se oppõem a esse genero, Zola fez tentativas, não coroadas de successo, se exceptuarmos *L'Assommoir*, extrahido do romance do mesmo nome.

Além das peças tiradas de seus livros, podemos citar *Le Bouton de Rose* e *Les Héritiers Rabourdin*, representadas em 1874.

O nome do grande escriptor se acha, porém, principalmente ligado ao seu gigantesco trabalho *Les Rougon-Macquart*, « historia politica e social de uma familia sob o segundo imperio ».

Esse vasto plano, que Zola plenamente realisou, encerra vinte volumes.

Uma familia dá nascimento a vinte ou trinta individuos, que á primeira vista inteiramente dissemelhantes, são, no emtanto, intimamente relacionados pelas leis fataes e inilludiveis da hereditariedade.

Resolvendo a dupla questão do temperamento e do meio, o escriptor fórma um grupo social que elle faz actuar em uma epocha historica; e analysando cada um

dos personagens, estuda a complexidade de seus esforços e a acção do conjuncto.

Os Rougon-Macquart são physiologicamente a lenta successão de accidentes nervosos e sanguineos que se declaram em uma raça, em consequencia de uma primeira lesão organica e que determinam, conforme o meio em que se move cada individuo, os sentimentos, as paixões e todas as manifestações humanas, naturaes e instinctivas, cujos resultados tomam os nomes de virtude e de vicio.

Historicamente, originam-se do povo; irradiam-se por toda a sociedade contemporanea, galgam todas as situações, pelo impulso essencialmente moderno que recebem as baixas classes atravez do corpo social, e d'este modo relatam a historia do segundo imperio, por meio de seus dramas individuaes, desde o golpe de estado até a tremenda catastrophe de Sedan.

Entre os volumes d'essa collecção, que tem sido trasladada em todas as linguas, convem destacar: *La Curée*, *La Faute de l'Abbé Mouret*, *Germinal*, *La Débâcle*, *Docteur Pascal*, etc.

Germinal, considerado por muitos como a mais vigorosa producção do possante romancista, é um verdadeiro poema, em que a questão do trabalho é tratada pela primeira vez no dominio da phantasia.

Le Rêve, — que citamos como uma manifestação da malleabilidade do talento de Emilio Zola — é um idyllio gracioso, que fórma um violento contraste com as obras do mesmo auctor anteriormente publicadas.

Não nos esquecemos de enumerar *Les Soirées de Médan*, um livro de contos, no qual Zola apresenta alguns de seus principaes discipulos. N'esse volume Guy de Maupassant se revela o primoroso *conteur*, que tão apreciado foi depois.

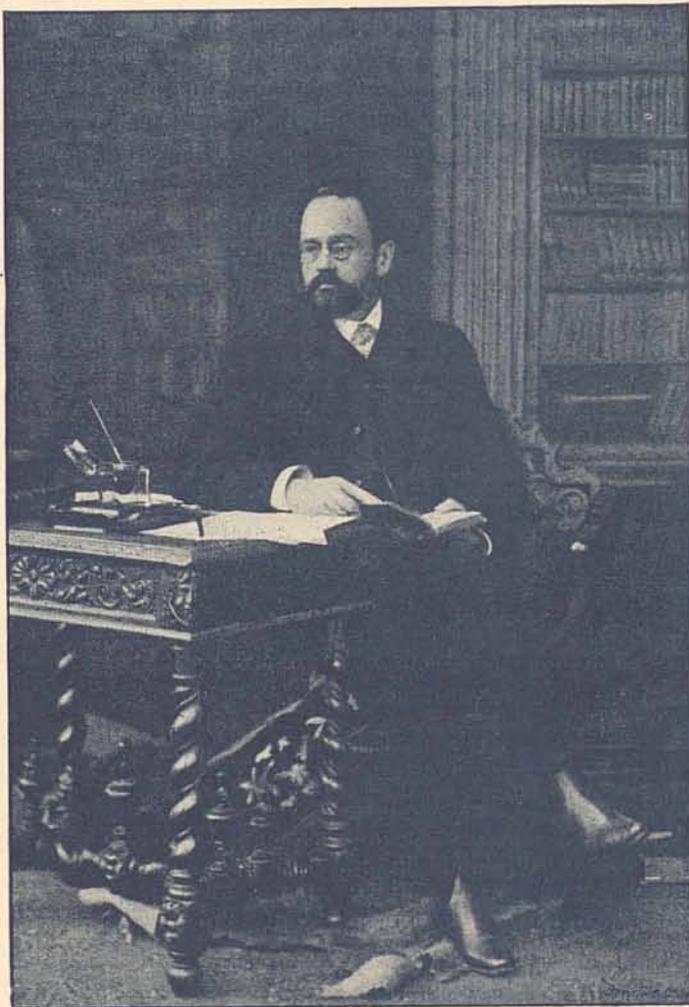
Em sua residencia de Médan, o famoso escriptor,

cuja influencia sobre a litteratura do seu tempo terá sido decisiva e profunda, tinha, na sua epocha de mais notoriedade, uma côrte brilhante de jovens e talentosos discipulos, que se chamavam Maupassant, Paul Alexis, Léon Hennique, Henry Céard, J.-K. Huysmans, etc.

Emilio Zola distingue-se por um prodigioso talento de descripção; os objectos tomam sob a sua penna, atravez do seu estylo fluente, um colorido extraordinario, um admiravel vigor, um raro relevo. Elle possui uma aptidão especial para observar as insignificantes circumstancias da vida burgueza.

« Comquanto não seja propenso á philosophia, é por instincto um philosopho. Em seus livros, diz Anatole France, ha uma fé que os inspira e os fortifica, e essa fé é a crença tranquilla nas grandes energias da vida. »

M. BOTELHO.



Emilio Zola no seu gabinete de trabalho.

O AUTO DOS ESQUECIDOS

E

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

(A PREPOSITO DO CONCURSO DO CENTENARIO DA INDIA)

Auto dos Esquecidos, eis o titulo, com que o poeta perfectissimo, o terso e vernaculo prosador que se chama José de Sousa Monteiro denominou o drama que escreveu para o Concurso litterario que se abriu por occasião do Quarto Centenario do descobrimento da India, drama que obteve com a maior justiça, do illustradissimo jury do Concurso o premio que se creara para recompensar a obra melhor, dentre as diversas obras ali apresentadas. São necessarias estas explicações prévias para alguns dos leitores brasileiros d'esta Revista. Quanto aos portuguezes esses sei eu com certeza que conhecem, não sómente o facto em si, mas o poeta illustre de que venho fallar-lhes.

Não pôde todavia dizer-se que José de Sousa Monteiro seja um artista popular, accessivel ao grande publico.

Como Stendhal e como Alfred de Vigny, Sousa Monteiro que é, como estes dois, de uma delicadeza de sensibilidade quasi morbida, esconde sob apparente frieza, sob correcta e altiva reserva, essa susceptibilidade que dirieis fêmeil, de melindrosa e fina que é, essa susceptibilidade que tanto faz soffrer os que a possuem, embora os faça gozar ás vezes, em horas raras de intensa vibração nervosa, mais do que o bastante para compenhar todos os tormentos interiores de uma longa vida...

Mas, apesar de não ser popular no sentido restricto que eu dou a esta palavra, e de ser talvez só plenamente apreciado pelos *happy few* que sabem o que seja a angustia deliciosa da criação artistica, a sede atormentadora e fecunda da ideal perfeição, o poeta dos *Sonetos*, dos *Entalhes e Camapheus*, do *D. Pedro Segundo*, o prosador dos *Amores de Julia* é considerado em Portugal inteiro como um dos raros que, pelo seu talento superior, pela sua intransigente probidade artistica, pelo seu trabalho preciosamente burilado, pela sua inspiração genuina, e pela cultura do seu espirito, honram o paiz que o tem por filho.

Na sua comprehensão porventura excessivamente exigente do que deve sêr a Arte e, por conseguinte, do que devem sêr os seu cultores sinceros, José de Sousa Monteiro como que se furta aos louvores e aos applausos, sempre auctorizados, nem sempre lisongeiros, que nem em Portugal, como em toda a parte, vão principalmente para os que teem e cultivam uma *coterie* sua que os explica, que os commenta, que os levanta ás nuvens em certas horas de opportuna notoriedade, que disfarça a propria mediocridade — acoitando-se sob o manto do homem superior que se digna de emprestar-lhe assim um pouco do seu reflexo.

Isto não quer dizer, já se vê, que não haja grandes, poderosissimos artistas, que reünam á qualidade suprema do genio, a faculdade de fazer-se amar pela multidão, que sejam ao mesmo tempo a delicia da *élite* e o nome consagrado pela gloria popular, mas são esses privilegiados rarissimos que estão fóra da lei commum.

O que é frequente e logico é, que os delicados artistas de uma quadra excessivamente culta, os que juntam á agudeza critica do entendimento a erudição litteraria de

fina escolha, não sejam entendidos pelo vulgo nem por elle amados e preferidos.

Exigentes na eleição dos seus assumptos, tractando-os sob uma forma requintadamente litteraria e accentuadamente pessoal, não transigindo com o gosto elementar das maiorias, com as modas ephemerhas e futeis que ellas criam e applaudem, com as predilecções temporarias em que ellas por *snobismo* se affirmam; não expandindo a sentimentalidade, que ellas tomam tanta vez por sentimento, nem a emphase que ellas tantas outras definem como paixão; estes finos artistas, de um pudor de concepção tão delicado e sensitivo, refugiam-se na sua *tour d'ivoire* mysteriosa e solitaria, e felizes dos raros que elles ahí acolhem, e a quem abrem n'um sorriso d'alma — adoravel como todo o sorriso de uma bocca austera — as riquezas incognitas do seu inaccessivel ideal.

Pouco a pouco os acolhidos, os felizes, quer dizer, os que teem a faculdade de entender — bella e preciosa faculdade que de tantos prazeres é prodiga — vão creando em torno do poeta esquivo e intransigente a fama justa a que elle tem direito perante a critica superior; e então o nome vae avultando, a obra vae emergindo d'aquella penumbra deliciosa, a que por orgulho se acolhia; os que não conheciam principiam a querer conhecer; os que não entendem, percebem que alguma coisa lhes falta a elles, que no poeta ou no artista existe, por elles incomprehendida; e a justiça vagarosa, porém mais segura, pronuncia a sua sentença definitiva, a que ninguem, d'entre os ignorantes, os vaidosos, ou os maus ousa oppôr a sua appellação pueril.

* * *

É isto, mercê de Deus, o que vae succedendo ao nosso querido poeta e amigo.

Ninguem o nega já, embora muitos não penetrassem ainda nas subtilidades tenuissimas do seu estro perfeito; na elegancia vernacula da sua prosa erudita; na portugezissima feição da sua forma artistica; no labor escrupuloso e raro da sua obra, atravessada por um sopro de perfeição antiga e de alevantado ideal...

Não cabe nos limites restrictos de um artigo d'esta ordem, analysar uma obra tão larga como a que elle já tem produzido.

Aos dois formosos volumes *Sonetos* e *Poemas* publicados em 1882 e 1883, que ainda antes de apparecerem á luz publica, inspiravam a Gonçalves Crespo, bom entendedor creio, em cousas de poesia e de arte, uma admiração intensa, que tanta vez me communicou na sua phrase colorida e pittoresca; — seguio-se o romance em prosa *Amores de Julia*, estudo da vida romana feito com todos os detalhes de uma erudição profunda, com toda a pujança de um estylo vivido e brilhante, com toda a penetração intelligente da alma antiga, da alma pagã, revelada a este moderno, a este espirito ardentemente imbuido da crença christã, não sei por que milagre de intuição critica, não sei por que maravilhosa transposição de tempo e de sentir. A estes livros juntam-se o

bello e eruditissimo estudo acerca do grande portuguez venerado na Egreja Catholica sob a invocação de *Santo Antonio de Padua*; os *Entalhos e Camapheus*, collecção de versos que lembram joias cinzeladas pela mão paciente e genial de um Benevenuto; o prologo escripto para acompanhar uma lindissima edição das *Georgicas*, traduzidas por Castilho: e eis, se me não engano, o que está colleccionado em volumes da obra de Sousa Monteiro.

Mas alem d'isto, que é muitissimo, ineditos lhe conheço eu muitos trabalhos de valia em nada inferiores a estes já publicados, e entre esses ineditos avultam dois dramas em verso, que podem considerar-se primorosos estudos historicos da vida portugueza, do mais singular merecimento poetico, e um volume ainda incompleto sobre D. João II, o grande rei portuguez.

Não me demoro, na resenha rapida que de memoria aqui estou fazendo com a pressa vertiginosa em que é já agora meu fadario e minha sina escrever, nos ensaios começados, nos versos ainda só lidos aos amigos mais intimos, nos contos rapidos, deliciosos mas perfectos que breve hão de constituir um volume para as mais escolhidas bibliothecas, e que denunciam, a par da inspiração variada e rica do escriptor, a sua vasta cultura historica e litteraria, e até n'uma serie de cartas por elle escriptas ao querido morto que foi Sousa Martins, cartas que são das peças mais curiosas e mais preciosas n'esta collecção de cousas bellas e de cousas raras!

Vê-se por esta enumeração summaria — que obra tão vasta, obra *ondoyante et diverse* — Sousa Monteiro tem construido já para gloria do seu nome e riqueza das letras patrias.

Se esta obra escripta tem por força de attrahir para o seu auctor a attenção sympathica, o curioso interesse dos que se occupam em Portugal das cousas do espirito, ha porem uma porção mais intima do artista, do poeta que só os seus amigos, e ninguem os tem e os merece mais extremos — conhecem.

É essa porção da alma de um homem que elle só revela aos intimos, na conversação de todos os dias, na bondade que afflora aos seus labios em praticas familiares, em revelações involuntarias salidas do mais delicado que ha na sua psychologia, n'estes cambiantes de sensibilidade em que uma physionomia moral se deixa adivinhar e conhecer.

A conversação de Souza Monteiro é das mais interessantes que eu conheço. Sabendo muito e não tendo a menor vaidade do que sabe, elle toca em todos os assumptos com extrema ligeireza e extrema graça, e desde a simples brincadeira trocada com uma creança de quem seja amigo, desde a referencia rapida aos assumptos diarios, até á mais seria das controversias, travada com um espirito que esteja a par do seu, tudo tem a marca inconfundivel, a garra indelevel de uma personalidade accentuada e superior.

Em litteratura os seus grandes amores são Shakespeare, Goethe, Carlyle, e Lord Byron. Vê-se por esta lista das suas preferencias intellectuaes, o eclectismo do seu alto espirito, e a faculdade feliz que elle tem de entender os mais diversos temperamentos, e de se identificar com espiritos que, a muitos respeitoes, tantas differenças de pontos de vista, separam do seu. Catholico convicto, elle entende e ama esse puritano apaixonado e sombrio que foi Carlyle; de um criterio moral tão elevado e tão formalista, elle sente-se attrahido e namorado estheticamente por esse violento e voluptuoso Childe Harold para quem a moral christã foi lettra morta quando não foi lettra ultrajada; cingindo-se ao dogma que o educou em todos os seus pontos mais restrictos, elle deleita-se em interrogar o entendimento d'esse pantheista soberbo, em cujo vasto cerebro todos os sonhos da Humanidade — sonhos philosophicos e sonhos sentimentaes — acharam guarida e se traduziram em symbolos, e em sondar a portentosa floresta humana, que germinou e cresceu splendidamente, como uma criação rival das criações da Natureza, no sólo accidentado da

Inglatterra da Renascença, á voz milagrosa e potente do creador do *Hamlet*...

Como se vê, a existencia inteira de Souza Monteiro, tem sido votada ao trabalho intellectual. *Crear e entender* eis as duas absorventes paixões d'este homem e quem pôde affirmar que haja uma mais nobre comprehensão da vida?...

* * *

O seu *Auto dos Esquecidos*, chamando n'este momento de festa nacional — feita no meio de apprehensões e lutos — para o seu nome laureado a attenção do publico, dá a maior actualidade ao estudo incompleto que eu lhe consagro aqui.

N'este seu ultimo trabalho, por uma excepção que é mais uma prova de intelligencia subtilissima, Sousa Monteiro não denuncia nenhuma das qualidades que o tornam menos accessivel ao grande publico.

O seu drama é uma cousa ingenua suave e simples feita sob a directa influencia de uma emoção d'arte quasi religiosa, de um impulso de piedade mystica quasi medieva. Para o entender e amar não é preciso ter gosto muito culto, erudição muito profunda, conhecimentos de historia ou de arte muito desenvolvidos; basta ter alma, sensibilidade, coração capaz de amar e de soffrer. Pela mesma intuição estranha que o fez escrever os seus *Amores de Julia* tão romanos e tão antigos, o poeta collocou-se, não na hora dubia, incerta, analytica, em que vivemos por nosso mal, mas justamente n'aquella hora fatidica, decisiva, ainda fervorosa e já atravessada de sensações e de ambições novas, que foi a *turning point* na vida da nossa nacionalidade, mas na qual se fundiram ainda, em amplexo dramatico, o que ella teve então, o que ella depois teria, de melhor.

Passa-se em trez jornadas:

— *A Partida. A Chegada. O Regresso*, — esse drama singelo que eu mais gostaria de intitular *Elegia*.

Não tem nada de complexo, nem de incomprehensivel ao espirito mais simples. Celebra dôcemente os que nunca foram celebrados; canta os que ninguem cantou, isto é aquelles que são indispensaveis a cada grande obra humana, mas que simples operarios do monumento que só guarda no frontão magnifico o nome do seu architecto supremo — são esquecidos depois da victoria; e que do enorme trabalho realizado nem tem uma parcella que seja de gloria ou de renome.

Ninguem os lembrára ainda; é justo, e encantador que os lembrasse uma alma verdadeira de poeta, e que de lembrál-os accrescentasse ao seu nome uma nova illustração e um novo titulo.

A alma portugueza que no *Auto dos Esquecidos* se retrata é uma alma aventureira e mystica, que o seu destino extranho, de devassadora de continentes desconhecidos, de mergulhadôra no mysterio de infindos mares, de navegadora ousada á procura de ignotos mundos, já tem feito, ora triste como a saudade, ora piedosa como a fé, ora atrevida e fatalista como os aventureiros que a tudo se affoutam rindo.

A grande obra que levámos a cabo por uma serie de arrojos e de feitos que tiveram, no supremo feito do Gama, a sua corôa épica, o seu remate supremo, tinhamos já affeiçoado, ia finalmente moldar-nos sob a forma em que desde então crystallisamos na Historia.

Principia a penetrar-nos aquella tristeza mysteriosa indefinivel que se segue aos paroxysmos da sensibilidade ou da vontade.

Começava a pagar-se o alto preço porque se pagam altas cousas. Nada se obtem de graça. Uma grande missão importa sempre um sacrificio grande, é porque o desinteresse supremo bafeja as almas puras que ellas sabem dar-se todas n'uma immolação magnifica, em que se exhaurem.

Ha raça mais sacrificada do que a de Israel, — a que nos deu Moysès e Christo?

Só triumpham as ideias ou os actos pelos quaes alguém

morreu? São só immortaes as causas que custam á alma do homem toda a seiva, ás suas veias todo o sangue, ao seu coração toda a energia, á sua consciencia toda a fé. E quando digo a alma do homem, digo a alma de uma nação ou de uma raça.

Se o *Auto dos Esquecidos* celebra em versos adoravelmente feitos, sob uma doce e delicada inspiração, o sacrificio ignoto dos que na epopeia não tiveram uma estancia, dos que na conquista não tiveram uma palma, dos que não desembarcaram com o Gama na portentosa India, dos que não voltaram com elle na Apotheose portentosa, não poderá tambem d'esta obra, tão genuinamente portugueza, em que se abraça á pallida musa elegiaca de Bernardim, e á triumphante e rude musa de Gil Vicente, o estro galante de Garcia de Resende e seus amigos; — não poderá tambem d'esta obra extrahir-se — a essencia de um vago symbolismo, talvez ao proprio poeta despercebido no instante febril da inspiração e do trabalho?... *Auto dos Esquecidos!* Titulo adoravel, titulo que é um *achado!*

Elle a meu ver traduz mais do que o appello eloquente contra a injustiça do mundo para os que morreram na aventura immortal sem d'ella colherem nome; elle diz alguma cousa dos nossas proprias dôres; n'elle transparecem como que as queixas indistinctas da alma portugueza, que, enriquecendo o mundo, foi pelo mundo esquecido, que exaurindo a seiva juvenil na empreza heroica, na empreza immorredoura, cujos fructos hoje colhem extranhos, foi dos extranhos desdenhada, justamente pela inercia em que se deixou cair, pela extenuação doentia em que se ficou, pasmada, esteril, silenciosa...

Inercia apoz uma expansão quasi sobrehumana de energia e vontade. Silencio, apoz o grande pregão que se ouviu por dilatados mundos.

* * *

O amor da patria e das suas glorias, e o mysticismo ingenuo; eis as duas fontes puras d'onde promana o drama inteiro.

E não é o amor da patria e a devoção mystica a dupla inspiração do nosso passado?

Pelo amor da patria se abalançou a raça portugueza aos vastos mares, e d'aqui lhe proveiu aquella nota intraduzivel de melancolia e de saudade, que ha no fundo e na raiz de toda a poesia e de toda a musica nacional.

Cantam, chorando, no mar altó os marinheiros, que relembram os carinhos feminis de que se apartaram, a terra florida e doce que porventura não verão mais; e das amuradas das caravellas aventureosas, levanta-se a melopeia triste e vaga dos nossos cantos maritimos das nossas balladas e chacaras, e as trovas maliciosas dos que riem disfarçando a vontade de chorar.

E a saudade, a flôr do nosso rude jardim, que embalsama todo o trovar portuguez. Saudade da terra; da mulher; das amendoeiras em flôr; do adro soalheiro onde se armam danças; dos fragedos da serra onde se matam javalis: dos serões da cõrte ou da cidade onde se trovam galanteios, das festas de Igreja onde se cantam hymnos e se desfolham flôres e o incenso se evola dos thuribulos de oiro fino, e a luz arde nos cyrios de benta cêra, que a abelha fabricou do rosmaninho silvestre e das balseiras affestoadas de madresilva e rosas bravas.

E em terra, nas longas solidões monotonas da viuvez e da orphandade, cantam as mães e as esposas as ladinhas infindaveis, a Virgem Mãe dos Navegantes a Virgem Estrella dos Mares e cantam raparigas doces cantigas de amor chamando pelo Ausente que partiu e que tarda em voltar...

É d'estes elementos tão simples que a linda Elegia dramatica de Souza Monteiro se fez, e é por isso que, ou se extinguiu de toda a delicadeza e a sensibilidade nos peitos portuguezes, ou ella ha de ser de todos comprehendida e amada, como uma joia rara da nossa litteratura nacional.

Não é uma obra triumphal como talvez devêra ser celebrando festivamente uma triumphal empreza?

Não é; e é isso que lhe dá a secreta significação, o secreto encanto que faz d'ella alguma cousa de pathetica que vai direito ao coração de todos nós.

Se fosse um canto de victoriosa alegria soltado agora-agora! — seria um artificio e não uma obra de arte! seria um echo apagado e sem alma propria de hymnos de gloria que outros entoaram já; e não sahiria como uma nota sincera e palpitante, uma nota de amor, de piedade, de melancolia e dôr, a ultima da vasta, da opulenta symphonia, que a alma da nossa raça tem cantado desde que o sol do Oriente a aqueceu e a estonteou com a sua luz fulgurante que é tão bella e lhe foi tão atal!...

No *Aviso prévio* que precede o drama, Sousa Monteiro assegura, com fina critica, que os dois livros mais genuinamente portuguezes que possuímos são os *Autos de Gil Vicente* e o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende; tudo e mais que é ainda tão portuguez, já tem reflexos do outra luz extranha, echos de outra musica triumphante.

Portanto, querendo fazer obra bem portugueza, justamente na hora em que, na maioria das cousas de portuguezes só temos o nome, Sousa Monteiro foi buscar ao *Romanceiro* de Garcia, e em *Autos de Gil Vicente* a redondilha portugueza, tão viva e tão ladina: tão queixosa e tão meiga; tão feita para risos e lagrimas; para gemidos de alma dorida; para invocações de mystica piedade.

Só o *Prologo* é feito n'outra rima, no largo e musical hendicassyllabo, a que a poesia portugueza deve tambem obras tão bellas.

E o prologo que vem, á moda dos Antigos *Autos* contar ao Auditorio o argumento do drama, diz-nos que o poeta pensando nos grandes, cuja empreza sublime Portugal vae celebrar, não teve mão no proprio coração que não sentisse, que:

- « A par d'esses grandes ha pequenos
- « No nome que esqueceu,
- « Na gloria que os deslembra, cuja vida,
- « Prantiva como os thrénos
- « Que immensa dôr chorou no immenso Hebreu,
- « Se tecem de amargura dolorida
- « De angustia e luto, de trabalho e pranto;
- « Que finados sem lustro tristemente
- « Se sumiram no mar fundo e fremente
- « Ou na mudez sem luz d'um Campo Santo!!

Ao fundo do drama em que se desdobra a historia melancolica, o mallogrado destino de um d'esses pequenos, que pela alma, pelo arrojo, pelo sacrificio vale-ram os grandes — entrevê-se e como que se entre ouve o clamor retumbante o soberbo esplendor da scena victoriosa.

A descoberta do Gama penetra como uma luz invisivel, pelos intersticios da tela em que o drama singelo se desenha. É esta tambem uma das bellezas subteis d'esta obra, na sua simplicidade voluntaria, tão perfeita na intenção e na forma.

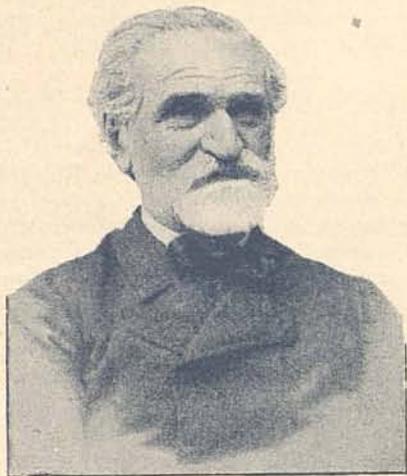
Auto dos Esquecidos! Lavremol-o nós diante das outras nações desattentas e ingratas dizendo-lhes bem alto ás opulentas, ás orgulhosas, para quem descobrimos mundos, que se já não ha nos nossos musculos a rijeza herculea que os fazia invenciveis, que se já não ha na nossa alma o impeto juvenil que nos fez obrar prodigios, nem na nossa consciencia collectiva aquella fé magnifica que nos guiou por tenebrosos mares, que nos fez arcar com perigos e tormentos, ainda o nosso coração sabe vibrar ao impulso de sentimentos puros e de sentimentos grandes, ainda sabemos *comprender*, se já não sabemos *sentir*; ainda ha entre os nossos poetas, quem possa genuinamente e religiosamente traduzir o candido mysticismo, a fervorosa paixão de gloria, o puro amor das cousas bellas, que um dia fez da raça portugueza uma raça privilegiada e grande entre as nações.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Verdi e Mascagni

GIUSEPPE Verdi e Pietro Mascagni são o mais velho e o mais moço dos compositores europeus.

Nascido em Roncola, perto de Parma, a 9 de Outubro de 1813, conta o applaudido auctor do *Rigoletto* cerca de 85 annos, actualmente; Mascagni tem apenas 34.



Verdi.

Giuseppe Verdi é, sem contestação, o mais fertil dos compositores contemporaneos, e para demonstrar a abundancia de sua imaginosa inspiração, bastaria citar a longuissima lista de suas producções, muitas das quaes têm alcançado successo immenso em todos os theatros lyricos do mundo.

Refere um viajante que, ao atravessar a Nubia, ouvira cantarolar um trecho do Trovador, e na Europa, desde as mais septentrionaes aldeias até as povoações banhadas pelo Mediterraneo, são conhecidas as lamentações da *Traviata* ou a marcha da *Aida*.

Na Italia não ha realejo, essa machina de moer musica — como chamou um artista martyrisado por esse instrumento de supplicio, — que não offereça aos viajantes, á porta dos hotéis, fragmentos das principaes operas de Verdi.

« O realejo é a gloria », disse um compositor novo, que aspira a essa consagração; muitos, no emtanto, pensam diversamente; e Verdi, cujas melodias têm sido tão deturpadas pelo realejo, vota-lhe um horror que facilmente comprehendem aquelles que na bella cidade de Napoles se vêm importunados pela constante audição d'esses instrumentos de tortura.

Em Genova, a 17 de Novembro de 1889, foi celebrado o jubileu artistico de Giuseppe Verdi, que ali fizera representar cincoenta annos antes, em 1839, a sua primeira opera, *Oberto, conte di san Bonifacio*. N'essa epocha a municipalidade genoveza, em homenagem ao grande compositor, inaugurára o seu novo instituto musical, que teve o nome do celebrado auctor de tantas obras-primas.

As tres ultimas producções, chronologicamente, do genial artista são *Aida*, *Otello* e *Falstaff*. Na primeira representação da *Aida*, em Paris, foi feita uma manifestação enthusiastica a Giuseppe Verdi, que se dignou reger a orchestra da Grande Opera.

Otello foi representado pela primeira vez em Milão, no theatro Scala, a 5 de Abril de 1887, desempenhando o principal papel o grande tenor Francesco Tamagno.

Falstaff foi creado pelo barytono francez Victor Maurel, artista inimitavel, que sabe ser um *Rigoletto* commovente e tragico e um Iago odiosamente intrigante.

Pietro Mascagni nasceu em Leghorn. Estudou no Conservatorio de Milão, onde revelou apreciaveis qualidades de compositor.

Produziu a *Cavalleria rusticana*, opera em um acto, que se tem tornado extremamente popular, e na qual se notam grandes bellezas. *L'Amico Fritz* e *I Rantzau* são operas menos conhecidas, comquanto em varias scenas tenham despertado applausos.

Negam alguns criticos ao joven compositor originalidade, mas não lhe recusam, seguramente, reaes qualidades de inspiração melodiosa e fluente.

No Rio de Janeiro foi grandemente applaudida a *Cavalleria rusticana*, cujo delicado *Intermezzo* provoca sempre grande enthusiasmo.

Interpretada pela primeira vez no Rio pelo tenor GabrieleSCO e pelo soprano Theodorini, tem sido a popular partitura de Mascagni representada depois por varias emprezas lyricas.

A *Cavalleria* tem sido uma das peças que mais rapidamente se têm popularisado; n'este particular, só póde ser comparada á *Gran Via*, a graciosa zarzuela de Chueca e Valverde, cuja musica saltitante e leve tem feito a volta do mundo.

Na Allemanha e em França, do mesmo modo que na Italia, a primeira producção de Mascagni agrada sempre no theatro ou em concertos. Em Berlim e em Cologne é actualmente cantado o primoroso acto do joven compositor, com o mesmo successo dos primeiros dias.

Na Opéra-Comique de Paris tem sido a *Cavalleria* interpretada por Emma Calvé e pela prodigiosa actriz Nuovina, com extraordinario exito.



Mascagni.

Em Londres Pietro Mascagni é muito estimado. Quando vac á capital ingleza reger no Covent-Garden as suas partituras, é sempre alvo de manifestações de sympathia. Convidado para festas e pick-nicks, o compositor italiano regressa á sua patria coroado de louros e repleto de presentes artisticos.

PEREGRINAÇÃO A MECCA

EM sua sessão de 1897, o Congresso Internacional dos Orientalistas emittiu a idéa, que recebeu o apoio unanime dos socios presentes, de ser creada uma Encyclopedia musulmana. A fim de dar a essa resolução um character official, o ministro das Colonias, o Sr. André Lebon, no banquete que encerrou aquella assembléa de sabios, fez a apologia da religião de Mahomet, defendendo-a das duas mais graves censuras que de ordinario lhe dirigem os adversarios, censuras que se resumem no aviltamento da mulher e no fatalismo.

As palavras do ministro echoaram favoravelmente no Oriente, onde são commentadas. Ellas attraem necessariamente a attenção sobre o movimento islamico, representado hoje pelo Sultão, o perseguidor dos christãos, e pela annual peregrinação a Mecca, que é a synthese symbolica da religião mahometana.

É, portanto, interessante saber em que consiste essa solemnidade, qual o seu character, qual a sua importancia.

A peregrinação que cada anno emprehem os Musulmanos á cidade de Mecca, tem por principal objectivo a Kaaba, a que tambem se dá o nome de Bait-Allah, isto é, Casa de Deus. Datam de tão longinqua epocha essas peregrinações, que já existiam no quinto seculo da era christã, mesmo antes da fundação de Mecca.

No livro *Giarni essahih*, lê-se que, entre as obras mais meritorias, devem-se considerar, em primeiro logar a fé, após a esmola, depois a guerra santa (como é prescripta por Deus), e finalmente a peregrinação.

Assim, todos os annos, partindo dos paizes musulmanos, desde Java até o Senegal, de Zanzibar a Samarcanda, milhares de peregrinos tomam a direcção de Mecca, ambicionando todos o prestigioso nome de *hadji* ou santo. Cegos, velhos, incuraveis, pobres e ricos, todos emprehem a viagem perigosa e rude, acalentados pela esperanza de morrer na terra santa, porquanto d'esse modo lhes é garantida a salvação eterna. As mais crueis fadigas, os mais duros soffrimentos, as molestias, as privações de toda a sorte, não arrefecem o zelo dos peregrinos, pois que lhes dão mais segura esperanza de achar a morte no territorio sagrado.

No tempo dos Arabes idolatras, a peregrinação se fazia no outomno; Mahomet, porém, fixou para o cumprimento d'esse acto os mezes lunares e os tres ultimos mezes do anno. N'estas condições, cada anno a peregrinação se effectua com um adeantamento de trinta dias sobre a data precedente, de modo que, ao fim de trinta e tres annos, ella se tem realisado durante as quatro estações. Acontece que todos os sete annos o grande Baïram, a festa solemne com que finda o mez do *ramadan*, se effectua em uma sexta-feira, que é um dia feriado, ao qual dão o nome de *nar-zama* ou dia da mesquita. N'esses annos, a affluencia a Mecca é triplicada, porquanto a sanctificação tem tambem triplo valor. A coincidência a que nos referimos, deu-se pela derradeira vez em 1893; só em 1900 o grande Baïram será festejado em sexta-feira.

A peregrinação dura ordinariamente noventa a cem dias, e é feita após o grande repouso do Ramadan.

Annualmente parte de Damas uma caravana immensa, ao mesmo tempo que outra sae do Cairo. Em caminho, pequenos grupos de fieis se vão juntando ás duas grandes legiões.

A que procede do Cairo, parte invariavelmente no

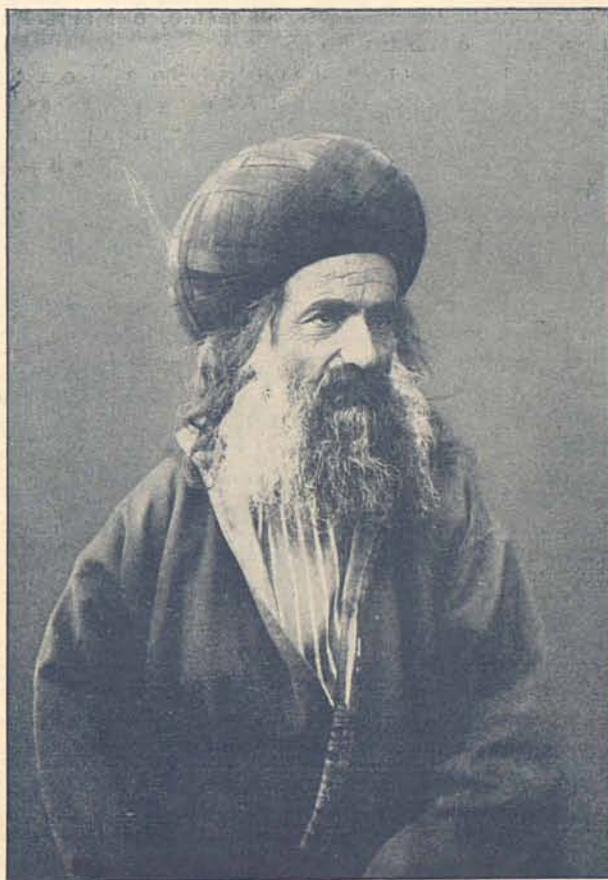
dia 25 do mez de Scirval, que se segue ao do Ramadan, e que no anno de 1897 correspondeu a Fevereiro. Os tres dias de grande solemnidade em Mecca e nos seus arredores são 10, 11 e 12 de Dzu-e-Heggeh (Maio); a caravana regressa ao Cairo mais ou menos a 26 de Saffar (Julho).

Em éras remotas os peregrinos se reuniam na extremidade do deserto, acima do Cairo, onde a caravana se formava. Fazendo a volta do golpho de Abaka, depois de passar ao norte de Suez, dirigiam-se os peregrinos ao sul, a Yembo-el-Nakhel. Ahi encontravam, então, a caravana syriaca, procedente de Damas, e ambas continuavam a viagem parallelamente até Mecca.

O trajecto era feito dia e noite, repousando apenas a caravana á tarde; e dada a lentidão da marcha, empregavam do Cairo á cidade santa trinta e nove dias.

Essas duas caravanas constituíam o principal tributo dos participantes á festa sagrada; havia, no emtanto, outra menor, que partia de Bagdad, sem levarmos em conta os grupos isolados de peregrinos que por mar se dirigiam a Djeddah, porto do mar Vermelho, a 45 milhas de Mecca; a Djeddah convergia uma multidão immensa, vinda de todos os pontos da Africa, e avaliada em setenta mil pessoas. Se, por qualquer eventualidade, esse numero não se achasse reunido no dia de Arafat, era, pelos anjos, completado milagrosamente.

A caravana de Damas carrega o tapete que cobre o tumulo do propheta em Medina, e que é todos os annos substituído; a do Cairo vae até Mecca, levando o Mahmel ou baldaquino de panno escuro ou de velludo, ornado de inscrições bordadas, e que se suppõe ter



SACERDOTE TURCO, chefe da peregrinação.



Uma rua de Mecca.

coberto a Kaaba. Esse baldaquino é fornecido pelo governo egypcio. A mesma caravana incumbe o Kisveh ou ornamento interior da Kaaba, todo de seda e bordado ricamente a ouro, e onde se leem versos do Alcorão e sentenças arabes. No anno seguinte, o Mahmel é trazido ao Cairo, onde em pequenos fragmentos se distribue aos fieis. Outr'ora, porém, deixavam-no em Mecca, de tal modo que os baldaquinos se sobrepunham no Kaaba, e só desapareciam quando, destruidos pela acção do tempo, cahiam desfeitos. Actualmente, o Mahmel do anno anterior é substituído pelo novo.

N'estes ultimos annos a peregrinação a Mecca tem soffrido notaveis modificações. As duas caravanas, da Syria e do Egypto, têm perdido a importancia primitiva. A maior parte dos peregrinos transporta-se aos logares santos pelo caminho de ferro ou por navios a vapor. Os governos continuam a pagar aos cheiks do deserto um tributo para a livre passagem dos peregrinos pelo territorio; mas os perigos a que em outras epochas se sujeitavam os musulmanos, têm quasi totalmente desaparecido. Os beduinos, que são ainda os verdadeiros senhores do deserto, atacam, no emtanto, ainda as caravanas, e a elles se juntam os derviches e os salteadores que saqueiam e massacram. As caravanas propriamente ditas acolhem aquelles que são extremamente pobres, os velhos e os doentes; por isso é sempre grande a mortalidade entre os peregrinos. Venturosos os que não succumbem em caminho e que conseguem chegar á cidade santa. Estes têm a suprema felicidade de transpôr as portas do paraíso, depois de haverem respirado o ar que circumda a Kaaba.

Mecca, a que os Arabes dão o nome de Ammi-el-Kora, isto é, a mãe de todas as cidades, é situada em um estreito valle arenoso, a nordéste, entre collinas, e a uma distancia de 45 milhas do porto de Djeddah.

Até 1841, mais ou menos, Mecca possuía uma população de trinta e tres mil habitantes, hoje avaliada em quarenta e cinco mil. O viajante Burckhardt, descrevendo a cidade, refere-se ás suas ruas compridas e mais largas do que em geral se vêem no Oriente. As casas, feitas de pedra, têm ás vezes tres andares, podendo ser,

em geral, alugados os quartos separadamente. A cidade se tem sensivelmente transformado, de maneira a offerecer relativo conforto aos estrangeiros que ali affluem.

Mecca não tem muralhas; aberta por todos os lados, não offerece outro edificio notavel, além da mesquita. A distribuição d'agua é feita defeituosamente; assim, quando os peregrinos acodem em maior numero, ha sêde na cidade.

É certo que o Zem-Zem, junto á grande mesquita, proporciona bastante agua para saciar a sêde de milhares de pessoas, mas o preconceito religioso se oppõe formalmente a que ella sirva aos usos domesticos; demais, a agua é pesada e de muito difficil digestão. A melhor agua provem das fontes do monte Arafat, situado a seis horas de Mecca; mas o aqueducto é tão descuidado, que de ordinario está secco.

As ruas da cidade não são calçadas; e sendo a região muito sujeita a frequentes e bruscas variações de temperatura, as ruas têm pó quando não têm lama, pois ao calor excessivo succede uma chuva copiosa.

Em Medina a temperatura é fria. Assim, Mahomet não se esqueceu de dizer no Alcorão que é digno do paraíso o que pudér supportar o frio de Medina e o sol abraçador de Mecca.

Na parte mais longa do valle acha-se a mesquita, a Beit-Allah ou Casa de Deus, chamada igualmente El Haram. É menor do que a maior parte dos outros templos musulmanos, e sua importancia se deriva unicamente do facto de encerrar a Kaaba, centro geographico e religioso do mundo musulmano. Todas as outras mesquitas têm, com effeito, o Mirab, especie de altar, voltado para a Kaaba; a Beit-Allah não o tem, pois que abriga o objecto da adoração e da prece de todos os mahometanos.

A grande mesquita tem a fôrma de um vasto parallelogrammo, que mede 180 metros sobre 130. Portas, em numero de dezenove, praticados sem ordem nem symetria, conduzem ao interior. A porta da Salvação (Bab-el-Salam), pela qual deve entrar o peregrino, tem o aspecto grandioso das mais bellas portas do Cairo. Através de columnas, vê o crente, em um grande espaço, a Kaaba, que se assemelha a um catafalco immenso coberto de um panno mortuario, e cuja massa negra offerece um contraste extranho com a alvura das outras construcções que scintillam ao sol tropical; diversos pavilhões de differentes fôrmas rodeiam a Kaaba, contribuindo para a magestade austera do sanctuario. A mesquita é circumdada de uma triplice columnata, que supporta cento e cincoenta cupolas brancas; sob as arcadas se balouçam lampadas, que, nas noites do Ramadan, quando todas se conservam accesas, produzem um effeito maravilhoso e feerico. Essas quinhentas columnas, que medem quarenta centimetros de diametro e seis metros de altura, são, em boa parte, de pedra de Mecca, sendo algumas de marmore vermelho ou branco, granito cinzento ou porphyro encarnado. Cada qual affecta no capitel uma fôrma diversa. Grande numero

d'ellas attesta a maneira sarracena; algumas, porém, denotam nas bases a arte grega em sua mais pura manifestação. A mesquita tem sido por varias vezes destruida e reconstruida; notam-se, entretanto, ainda vestigios de sua primitiva construcção. A actual remonta ao seculo dezesete, mas tem soffrido diferentes restaurações.

A Kaaba, que não occupa exactamente o meio da grande área a que nos referimos, é um edificio massivo, cubico, de 16 metros sobre 13, tendo na parte superior um terraço plano. Uma unica entrada, do lado do norte, dá accesso ao interior; mas se acha quasi sempre fechada por uma porta guarnecida de prata e ouro. Em um angulo, a tres metros d'essa porta unica, vê-se, engastada na parede, a famosa Pedra Negra (Haggiar-el-Essored). Quer a tradição que ella tenha sido trazida pelo anjo Gabriel a Abraham, em obediencia a uma

No fim da peregrinação, isto é, a 25 do mez de Dzu-el-Cadeh (que foi Abril no anno ultimo), o tapete antigo é tirado da Kaaba, que fica descoberta durante quinze dias, até o dia 10 de Dzu-el-Beggeh.

Esse tapete pertence ao grande sherif, o qual, reservando para si o ouro dos bordados, corta o estofo em pedaços, que distribue aos personagens mais consideraveis do Islam. Quanto ao resto, elle vende a 50 francos o centimetro quadrado aos peregrinos, que preciosamente conservam a reliquia, com veneração e amor.

Fóra da epocha indicada, a Kaaba fica aberta duas vezes por anno: no dia 20 de Ramadan (Fevereiro), e no dia 10 de Moharem (Junho). Ao despontar do sol, o aga abre a Casa de Deus. O interior se compõe de uma simples peça, apenas esclarecida pela porta. O sólo é de marmore de côres variadas, dispostas em quadrados. As paredes são ornadas de placas irregulares, cobertas de



Caravana de Peregrinos.

ordem de Deus, a fim de construir-se com ella a Kaaba, a qual se ergueu por si mesma, á medida que se faziam as paredes, até occupar o espaço que lhe era destinado. Em torno da pedra sagrada nota-se um circulo de ouro massivo; a pedra, que se compõe de fragmentos produzidos, sem duvida, pela acção do fogo e em seguida reunidas pelo cimento, tem uma fórmal oval e mede dezoito centimetros de diametro.

A Casa de Deus é completamente coberta de um estofo de seda preta (Kesma), bordado a ouro e prata de um lado, e a prata, sómente, do lado que corresponde á porta; a Kesma tem cinco millimetros de espessura, approximadamente.

Essa sêda é cada anno tecida no Cairo, a expensas do sultão de Constantinopla, sendo esta despeza considerada uma prerogativa de sua alta soberania. A caravana chamada do Tapete, transporta-0/11 em grande pompa, a Mecca.

O Tapete fabricado em 1883 custou, só com relação á seda, mais de trinta mil francos.

inscrições gravadas a ouro. O tecto, a que não se deve dirigir um olhar, pois seria isso uma irreverencia á Magestade divina, é revestido de bellas tapeçarias bordadas a ouro, com legendas e arabescos. Entre as columnas estão suspensas numerosas lampadas, e do tecto descem, desenvolvendo-se, doze poemas compostos na epocha da fundação do Islam.

A visita ao interior da Kaaba concede avultadas indulgencias, mas para isso é necessario que o fiel formule o voto de não mais calçar-se, de não tomar fogo com os dedos e de jamais mentir. Entretanto, essa visita não é obrigatoria, e dizem que muitos se abstêm de fazel-a, para que não tenham o desgosto de um perjurio.

Os poços do Zem-Zem, situados ao norte da Kaaba, ficam fronteiros á Pedra Negra. São tidos em grande veneração. Diz a legenda que, ao ser expulsa por Abraham, Agar chegára ao deserto, tendo aos braços o pequeno Ismael, que morria á sêde; o anjo Gabriel, apparecendo-lhe então, ordenou-lhe que cavasse o sólo, do qual brotou de subito uma fonte milagrosa, tão forte



Arabes de Mecca. — Eunucos do Sanctuario.

e tão abundante, que Ismael e Agar por pouco se não afogaram. Agar, endereçando a Deus uma prece fervorosa, disse á fonte: Zem-Zem! (Retira-te), e a inundação ameaçadora cessou, immediatamente.

Hoje, o nivel d'essas aguas é constante e a fonte se alimenta por um conducto natural e subterraneo. A agua, que é morna, é considerada como uma panacéa para todas as molestias; os peregrinos transportam-na em pequenos barris. Não é dada, porém vendida, e por elevado preço, essa agua miraculosa, a qual se banham peças de roupa, que, depois d'essa immersão, adquirem o poder de afugentar o demonio.

A mesquita é collocada sob a direcção principal de um delegado do sanctuario, que tem a guarda das chaves da Kaaba. Sob as suas ordens se acha o Aga-el-Tueschia, isto é, o chefe dos eunucos. Os servidores prepostos á mesquita são eunucos do Sudão, em numero de cincoenta. Usam o turbante branco, um longo caf-tam, um cinto de couro e tem á mão um grande bastão branco. Além do pagamento que recebem, elles fazem o commercio das preces, da agua do Zem-Zem, dos pannos milagrosos, das coróas, fragmentos de tapetes, imagens sacras, amuletos e versos do Alcorão. O chefe tem, sob as suas ordens, uma multidão de subordinados. Graças aos dons e offerendas dos principes, os rendimentos de Mecca e de Medina são espantosos, mas apenas sufficientes para o pagamento do numeroso pessoal, o qual, aliás, tem sobre a honestidade nôções muito imperfeitas.

O peregrino que visita a Kaaba, é acompanhado de um metuaf ou conductor, que se acha á entrada da mes-

quita e a quem se dá boa gorgeta. O fiel entra com o pé direito pela Bab-el-Islam, e, á vista da Kaaba, se ajoelha e se prosterna. Em seguida, faz suas abluções no Zem-Zem. Ahi, ha incessantemente uma multidão immensa, que quer beijar ou tocar com a mão a Pedra Negra. Se ha grande atropello, contentam-se os musulmanos em tocá-la com ponta do bastão.

Depois realisa-se a cerimonia do suaf, que consiste em fazer sete vezes a volta do sanctuario, da direita para a esquerda; as tres primeiras voltas são feitas a correr, em memoria da fuga de Mahomet. N'essa corrida o fiel se esforça por beijar ou tocar a pedra santa. Após, vae o peregrino atritar o corpo contra o Moltezen, que é a parte da parede opposta é Pedra Negra.

Foi ahi que Mahomet se reconciliou com dez de seus companheiros que tinham posto em duvida a sua missão divina. Finalmente, depois de ter orado, em prosternação ante o Makam-Sidi-Ibrahim, e após haver de novo voltado ao Zem-Zem, o fiel faz-se derramar agua na cabeça, a fim de purificar-se de todos os peccados. Feito isso, o metuaf conduz o peregrino á porta de Sefa, pela qual se sae com o pé esquerdo. Finda assim a cerimonia.

Mas o fim é mais rude do que o começo. Voltado para a Kaaba, o peregrino deve, antes de tudo, ajoelhar-se; e depois orando em alta voz e correndo sem parar, em memoria do desespero de Agor, tem de percorrer sete vezes o caminho de Oued-Sefa, que mede 400 metros de comprimento e que conduz ao vertice do Merona, ao qual se chega por meio de degrãos.

Em Meroua acham-se barbeiros, que, recitando preces, raspam o meio da cabeça dos peregrinos. Em seguida, visita-se, sempre psalmodiando, a capella de Omra, a cinco kilometros de Mecca, na estrada de Medina, onde Mahomet esteve em preces. Não é tudo. O peregrino deve emprehender sete outras vezes o trajecto de Ouad-Sofa, e a volta da Kaaba, ao sol ardente e de cabeça descoberta.

Burton relata que viu transportar em todo esse percurso enfermos quasi moribundos.

Todas as sextas-feiras, dia de grande festa, o « dor » ou a oração do meio-dia, é feita ao redor da Kaaba, na grande mesquita, que, contém quarenta mil fieis. So ahi pôdem os musulmanos orar com a fronte sobre a fronte, pois que, em todas as outras circunstancias, devem, como fazem sempre, orientar-se em relação a Mecca. O « Iman » (sacerdote), vestido de branco, com um bastão branco á mão, fica junto á porta da Kaaba, onde o fiel faz uma prece especial em intenção do sultão de Stambul, sombra de Deus sobre a terra, e do Khe-diva do Egypto e do grande Chérif. Os ulemas de Medressa, velhos veneraveis, têm o privilegio da prédica. As horas não consagradas á oração, os homens de sciencia fazem prelecções religiosas debaixo das columnatas. Á noite, accendem-se lampadas; os peregrinos continuam os seus passeios de devoção até as nove horas. Só ficam depois os mais a fervorosos e um numero extraordinario de mendigos, quasi todos indianos ou javanezes, que ahi estabelecem domicilio e ahi dormem sob a protecção de Allah e de seu propheta.

M. DE A.

a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 17

UMA girandola de foguetes que estalou ao longe, para o lado dos Bravaes, onde no Domingo se fazia a celebrada romaria da Senhora das Candeias, attrahio á varanda Gonçalo que reparou então na amaciada belleza do

céu, no viço renovado das verduras, depois da chuva d'aquelles tres dias em que elle, s'enfrohara, brigando pelo valle de Canta-Pedra. E como ainda restava meia hora larga antes de jantar, agarrou o chapéo, e na sua velha quinzena de trabalho, com uma bengalinha de cana, desceu á estrada, dobrou a esquina do pomar, trilhou o caminho que se aperta entre o muro da Torre e a sebe dos campos por onde se estendiam no seculo XII as barbacans vigadas da Honra de Santa Ireneia.

E sob o silencio fresco da vereda pensava ainda n'aquelles seus formidaveis avós, que resurgiam tão vivos, robustos, e ressoantes, na sua Novella! Certamente o comprehender com tão luminosa segurança essas almas magnificas mostrava que a sua conservava o mesmo quilate rico e puro... Porque um coração baixo não sabe narrar um coração nobre: — e nunca o Guedes Pôpa ou o Manoel Duarte entenderiam, bastante para lhes reconstruir os altos espiritos, Martim de Freitas ou Affonso de Albuquerque. N'esta fina verdade desejaria elle que os criticos insistissem ao estudar depois a *Torre de D. Ramires* — pois que o Pinheiro lhe assegurára artigos consideraveis nas *Novidades* e na *Manhã*. Sim! eis o que convinha marcar em relevo (e elle o lembraria ao Pinheiro!) — que os Ricos-Homens de Santa-Ireneia reviviam no seu neto, senão pela continuação heroica das mesmas façanhas, pela mesma alevantada comprehensão do heroismo. Que diabo! Sob o

reinado do horrendo S. Fulgencio, elle não podia dismantelar o solar de Bayão, que já não existia, dismantelado ha setecentos annos por seu avô Paio Ramires — nem retomar Monforte, onde o Antoninho Moreno era o languido Governador Civil. Mas sentia a grandeza d'esses commettimentos denodados. Conservava, ainda que desempregado n'estes mollissimos tempos de Constitucionalismo um pouco do arrojo que outr'ora impellia os seus a arrasar Solares rivaes e a escalar Villas mouriscas. Resuscitava pelo Saber e pela Arte, e arremessava para a vida ambiente esses temerosos varões, com as suas almas, os seus trages, as suas immensas cutiladas, os seus brados sublimes... Dentro do espirito e dos costumes do seu Seculo era pois um bom Ramires. E os Jornaes, que tanto lastimam a decadencia rasteira dos Fidalgos de Portugal poderiam justamente affirmar (e elle o lembraria ao Pinheiro!) : — « Eis ahi um, e o maior, que continua e honra a sua raça! »

N'estes pensamentos, que lhe enrijavam as passadas sobre aquelle chão historico calcado desde tantos Seculos pelos seus — o Fidalgo chegára á extremidade do muro da quinta, onde uma estreita azinhaga a divide do pinheiral e da matta. Do portão nobre, que outr'ora se erguera n'esse canto, com um pesado brazão d'armas, restam apenas os dois humbraes de granito, amarellados de musgo, cerrados por uma cancella de pau, carcomida tambem da chuva e dos annos. E n'esse momento, da azinhaga funda, apagada em sombra, sahia chiando, carregado de matto, um carro de bois, que uma linda boeirinha guiava.

— Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes!

— Bôas tardes, flôrzinha!

O carro lento passou. E logo atraz desembocou um homem, esgalgado e rijo, trazendo ao hombro o cajado, d'onde pendia um grosso molho de cordas.

O fidalgo da Torre reconheceu o José Casco, dos Bravaes. E seguiu, como distrahido, pela orla do pinheiral, assobiando, batendo com a bengalinha nas silvas altas. O outro porem estugou o passo, lançou duramente, n'aquelle silencio do arvoredado e da tarde, o nome do Fidalgo. Então

Gonçalo Mendes Ramires parou, affavelmente, forçando um riso :

— Olá ! É vossê, José ! Que temos ?

O Casco parecia engasgado, com duas manchas vermelhas na face cavada. Por fim, desenfiando das cordas o cajado que cravou no chão :

— Temos que eu fallei sempre claro com o fidalgo, e não era para que depois me faltasse á palavra !

Gonçalo Ramires ergueu a cabeça, com vago-rosa dignidade :

— Que está vossê a dizer, Casco ? Faltar á palavra ! Em que lhe faltei eu á palavra ?... Por causa do arrendamento da Torre ? Essa é nova ! Então houve por accaso papel assignado entre nós ?

O Casco emmudeceu, assombrado. Depois com uma colera, em que lhe tremiam os beiços, os hombros, as mãos fincadas no varapau :

— Se houvesse papel assignado o fidalgo não podia recuar ! Mas era como se houvesse, para gente de bem ! V. S^a disse que estava o arrendamento feito ! Deu a sua palavra !

O fidalgo da Torre, enfiado, apparentou a paciencia d'um senhor benevolo :

— Escute, José, aqui não é logar... Se quer conversar commigo, appareça na Torre. Eu lá estou sempre, como vossê sabe, de manhã. Vá amanhã... Não me incommóda.

E seguia, sentindo as pancadas tumultuosas do coração — quando o Casco, n'um salto leve, atrevidamente se lhe plantou diante, com o cajado atravessado :

— O fidalgo ha-de dizer aqui mesmo. O fidalgo deu a sua palavra ! A mim não se me fazem d'essas desfeitas... O fidalgo deu a sua palavra !

O carro de lenha, ao longe, chiava tristemente na vereda deserta. A uma aragem lenta, que se erguera, o pinheiral sussurrou. Então, estarecido, Gonçalo procurou um refugio na ideia de Lei, de Governo, que aterra os homens do campo. E com brandura, como amigo que aconselha um amigo :

— Escute lá, José... Escute, homem ! As coisas não se arranjam assim a gritar. Póde haver desgosto, apparecer o regedor... Depois é a justiça, é o tribunal, é a cadeia... E vossê tem mulher, tem filhos pequenos. Escute ! Se descobrio razão para se queixar, vá á Torre, e conversamos. Pacatamente tudo se esclarece, homem... Mas com berros, não. A justiça não é surda.

Estendeu o cabo da bengalinha, como para o arredar — arriscando um passo, tão atarantado, que escorregou nas hervas altas da valla. Então o Casco cresceu todo, no solitario caminho, negro e alto como um pinheiro, n'um furor que lhe esbugalhava os olhos vermelhos, quasi sangrentos :

— Pois o fidalgo ainda me ameaça com a justiça!... Pois ainda por cima de me fazer a maro-

teira me falla em cadêa!... Pois se fôr para a cadêa, com os diabos, primeiro lhe hei de esmigalhar esses ossos!...

Erguêra o cajado... Mas, n'um lampejo de razão e respeito, ainda gritou, com a cabeça a tremer para traz, atravez dos dentes cerrados :

— Fuja, fidalgo, que me perco!... Fuja que o mato e me perco !

Gonçalo Mendes Ramires correu á cancella, entre os velhos humbraes de granito, rompeu atravez das taboas mal pregadas, largou por sob a latada que orlava o muro, n'uma carreira furiosa de lebre acossada.

Ao fim da vinha, junto aos milheiraes, uma figueira brava, densa em folha, alastrara dentro d'um antigo, arruinado espigueiro de granito. Ahi se alapou o fidalgo da Torre, arquejando. O crepusculo descia sobre os campos semeados. Socgado pelo silencio e pela sombra, cautelosamente se affoitou para fóra do esconderijo frondoso; e recomeçou a correr, n'um correr manso, na ponta das botas brancas, sobre o chão molle das chuvadas, até ao muro da Mãe d'Agua. De novo estacou, esfalfado. E julgando entrever atravez do arvoredos uma mancha clara, algum jornaleiro em mangas de camisa, atirou um brado : — « Oh ! Ricardo ! Oh ! Manoel ! Eh lá ! alguém ! Vai ahi alguém ». A mancha fundira na folhagem. Os alamos em torno da Mãe d'Agua ramalhavam docemente. E, ao rumor d'uma rã saltando n'um regueiro, Gonçalo Mendes Ramires retomou a carreira, até ao canto do pomar — onde encontrou fechada uma porta velha que os caseiros pouco usavam e que abanava nos gonços ferrugentos. Furioso, atirou contra ella os hombros, que o terror enrijara como trancas. Duas taboas cederam, elle furou atravez, esgaçando a quinzena n'um prego, penetrou na segurança do pomar murado — e respirou emfim sob a espessura abrigadora das lorangeiras, deante das varandas da casa abertas á frescura da tarde, ao lado da Torre, da sua Torre secular, toda negra, com negros vãos de morcegos, no alto, entre as ameias. E, com o chapéo na mão, limpando o suor, murmurava atravez do feijoal :

— Se não apanho a cancella ao lado, o homem dava cabo de mim *com a foice!*

Porque era uma foice!... Primeiramente imaginara um varapau. Mas depois sentira o afiado reluzir da foice ! E n'aquelle seu desamparo nem um moço, um jornaleiro da quinta, quando elle gritara da borda do espigueiro... De cinco creados nenhum acudira, allí, a uma pedrada da eira e da abeogaria ! Pois que dois homens corressem com paus ou enxadas — e o Casco ficava na estrada malhado como uma espiga... E ricamente o merecia, o monstro !

Ao pé do galinheiro, sentindo uma risada fina

de rapariga, atravessou o pateo da horta, para a porta toda alumiada da cozinha. Eahi, emquanto dentro chiava a frigideira, dois jornaleiros, a filha da Crispola, a Rosa, tagarellavam, sentados n'um banco de pedra, sob a fresca escuridão da latada. Toda a colera do fidalgo rompeu:

— Então, que sarau é este? Vossês não me ouviram chamar?... Qual! Ninguém apparece... Encontro lá em baixo, ao pé do pinheiral, um bebedo, que me não conheceu, veio para mim com uma foice... Felizmente levava a bengala. E chamo, grito... Qual! Tudo aqui de palestra, e a ceia a cozer! Que desaforo! Pois outra vez que succeda, vão todos para a rua... E quem resmungar a cacete!

A sua face chammejava, alta e valente. A pequena da Crispola logo se escapulira, encolhida, para o recanto da lareira. Os dois moços, de pé, vergavam como duas espigas sob um grande vento. E emquanto a Rosa, aterrada, se lastimava de desgraças « que assim se armam » — Gonçalo, agradado com aquella submissão dos dois homens, ambos tão rijos, com tão grossos varapaus encostados á parede, serenava:

— E alem d'isso a porta do pomar fechada! Tive de lhe atirar um empurrão... Ficou em pedaços. E necessario chamar amanhã o carpinteiro... Ficou em estilhas!

Então um dos moços, o mais alentado, ruivo, com um queixo de cavallo, pensando que o Fidalgo censurava a frouxidão da porta pouco cuidada, coçou a cabeça, n'uma desculpa:

— Pois, com perdão do fidalgo... Mas já depois da saída do Relho, se lhe poz uma fechadura nova. E valente!

— Qual fechadura! gritou o Fidalgo soberbamente. Pois a fechadura tambem ficou despedaçada... Tudo em estilhas, fechadura, gonzos e taboas!

O outro moço, mais desembaraçado e esperto, rio, para agradar:

— Santo nome de Deus! Então, é que o fidalgo lhe atirou com força!

E o companheiro, convencido, espetando o queixo enorme:

— Mas que força, a matar! Que a porta era rija... E fechadura nova, já depois do Relho.

A certeza da sua força, louvada por aquelles fortes, reconfortava inteiramente o fidalgo da Torre, já brando, quasi paternal:

— Sim, força... Graças a Deus, para arrombar uma porta, mesmo nova, não me falta força. O que não podia era com esta bengalinha escavar um diabo enorme bebedo, que corre para mim aos berros com a foice erguida... Emfim lá me defendi, até que recuou. E, quando eu chamei, era para que vocês o agarrassem, o levassem a casa do Regedor... Que eu não queria arrastar

pela garganta um bebedo até casa do Regedor... Bem, acabou. Oh! Roza, dê a estes rapazes, para a ceia, mais uma caneca de vinho... A vêr se para outra vez, a alma os aprompta a apparecerem onde houver perigo!...

Era agora como um senhor, justo e doce, que reprehende, logo perdôa, uma fraqueza dos seus solarengos.

E atravessou a cozinha, o lobrego corredor de pedra — subio, berrando pelo Bento, com a bengala ao hombro, como uma lança, finda a batalha.

E em cima no quarto, com o Bento, que esbugalhava aterradamente os olhos, estacado deante da commoda, sem mesmo pousar o jarro d'agoa quente e as toalhas lavadas que o ajujavam — Gonçalo recomeçou a sua epopeia, mais carregada, mais terrifica. O Casco! O José Casco dos Bravaes, bebedo, desvairado, rompendo para elle, sem o conhecer, com uma foice enorme, a berrar « Morra, que é marrão!... » E elle na matta deserta, deante do bruto, de bengalinha! Mas atira um salto... A foçada cahe sobre um grande tronco de pinheiro. Então arremette furiosamente, floreado a bengala á maneira de um sabre, gritando pelo Ricardo e pelo Manoel como se ambos o escoltassem — e ataranta o Casco, que recua, se some pela azinhaga, a cambalear, a grunhir! Durante... um momento, porem, a Morte roçou por elle!

— Se não é a minha audacia, o homem positivamente me ferra um tiro d'espingarda!

O Bento, que, de bôca escancarada, quasi se babava, com o jarro esquecido e todo inclinado a pingar no tapete, pestanejou, confuso, mais attonito:

— Mas o Snr. Dr. disse que era uma foice!

Gonçalo bateu o pé, impaciente;

— Sim, foice!... Correu para mim com uma foice! Mas vinha atraz do carro... Naturalmente no carro trazia uma espingarda. O Casco é caçador, anda sempre d'espingarda. E trazia!... Eu vi luzir um cano d'espingarda. Emfim estou aqui vivo, na Torre, por mercê de Deus. E tambem porque felizmente, n'estes casos, não me falta a decisão!

E apressou o Bento — porque com aquelle abalo, e o esforço, positivamente lhe tremiam as pernas de cançasso e de fome... Alem da sêde!

— Sobretudo sêde! Esse vinhinho que venha bem fresco... Do Verde e do Alvaralhão para misturar.

O Bento, com um tremulo suspiro da emoção atravessada, encheu a bacia, estendeu as toalhas. Depois pensativamente:

— Pois olhe, Sr. Dr. Temos então esse andaço nos sitios!... Foi o mesmo que succedeu ao Sr. Sanches Lucena, na Feitosa...

— Como, ao Sr. Sanches Lucena?

Então o Bento desenrolou uma tremenda historia, trasida á Torre, durante a estada do Sr. Dou-

tor em Oliveira, pelo cunhado da Crispola, o Ruy carpinteiro, que trabalhava nas obras da Feitosa... Pois o Sr. Sanches Lucena (que ainda se mexia pela quinta, apesar de tão doente) sahira uma tarde, ao lusco fusco, para a porta do mirante, quando passam dous homens, ou bebedos ou facinoras, que implicam com o pobre senhor... E chufa, e galhofa... O Sr. Sanches ameaça. De repente um d'elles, um rapazola, sacode a jaqueta do hombro e ergue o cajado... Felizmente n'esse momento o companheiro, que se affirmara, gritou — « Ai! rapaz, que elle é o nosso deputado! » O rapazola abalou, espavorido. O outro até se atirou de joelhos deante do Sr. Sanches Lucena... E o pobre senhor, d'impressionado, recolhera á cama!

Gonçalo acompanhara a historia, limpando as mãos, á toalha, vagarosamente, sem descontinuar, attento, impressionado. Por fim, com certa amargura :

— Pois eu que não sou deputado, se não é o meu desembaraço, entrava hoje em casa n'umas andas... Quando foi isso?

— Disse ao Sr. Dr... Foi quando o Sr. Dr. estava em Oliveira. Um dia antes ou um dia depois dos annos da Sr.^a D. Graça.

— Emfim, sempre d'alguma coisa servio ao Sanches Lucena ser deputado!

E já vestido, enchendo a charuteira (porque resolvera correr a Villa-Clara, depois do jantar, a desabafar com o Gouveia) — ainda observou ao Bento, que arrumava a roupa :

— Ora vê tu! O bebedo, quando o outro lhe gritou « Ai, que é o nosso deputado », cahio em si, fugiu!... Ainda serve ser deputado, homem! Ainda inspira respeito... Pelo menos mais respeito que descender dos reis de Leão!... Emfim, toca ajantar!

(Continúa).

EÇA DE QUIEROZ.

HISTORIA COMICA



1



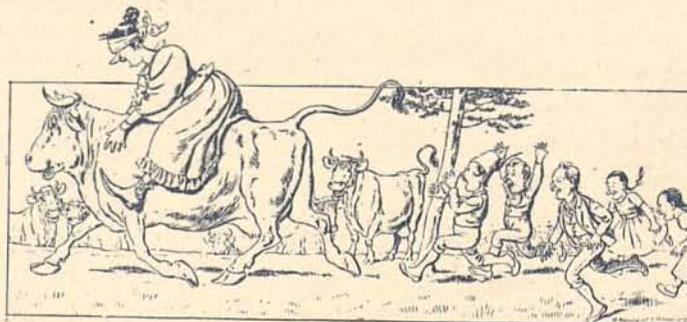
2



3



4

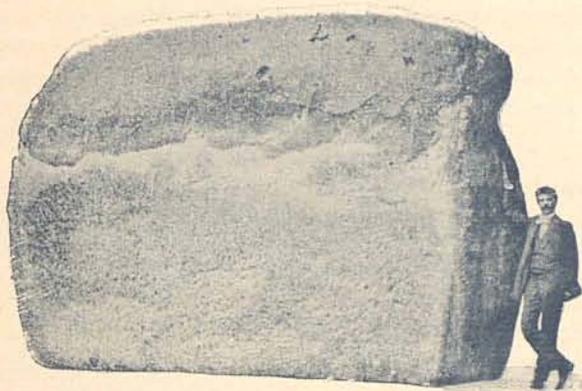


5

O JOGO DA CABRA CEGA

DURANTE A VIDA

A somma de alimentos solidos e liquidos absorvidos por um homem que a uma saude normal junte regulares condições de fortuna e disponha de ordinario appetite, é, no decurso de uma



longevidade média, muito maior do que á primeira vista se pôde suppôr.

As gravuras que apresentam traduzem um calculo baseado em todas as condições normaes de appetite, fortuna e saude, e para uma vida de setenta annos.

Um estatístico inglez tomou a si a curiosa tarefa d'essas investigações, e depois de minucioso estudo e constantes visitas aos grandes e pequenos *restaurants* de Londres, chegou ao seguinte resultado.

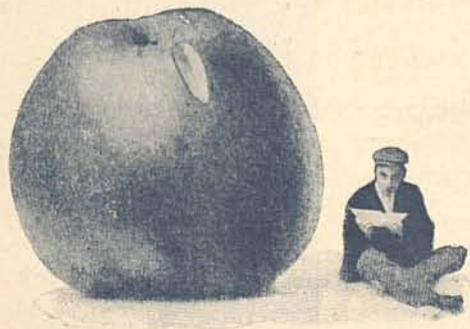
Em um dia pôde um homem comer meia libra de pão, incluindo-se, sob esta denominação, tudo quanto affectar a consistencia de biscoutos e bolos. Levando-se, porém, em conta que nos dez primeiros annos e nos dez ultimos de uma existencia commum essa quantidade é reduzida á metade, elucida-nos a infallivel mathematica que 50 toneladas de pão são, d'esse modo, ingeridas.

Se suppuzermos essa quantidade accumulada sob a fórma de um pão unico, temos um pão de 1.200 pés cubico.

Dado o mesmo argumento e feitas analogas considerações, obteremos, em relação á batata, uma batata gigantesca, tão alta como uma casa de seis andares.

O toucinho, dividido em finissimas fatias, attinge, segundo attesta o paciente calculista, a uma extensão de quatro milhas.

As costelletas collocadas a fio cobririam uma distancia igual a que vae da Abbadia de Westminster á igreja de S. Paulo, em Londres, e como material de construção podia-se levantar com ellas uma nova torre Eiffel.



A carne que um homem consome durante uma existencia normal, representa vinte touros possantes. Concedendo-se a um individuo uma libra de carne por dia, obtem-se — concentrada a pasmosa quantidade de bifes

em um unico animal — um boi gigante, medindo 15 pés de altura, cujo peso será, exactamente, de 18 toneladas.

Quanto ao peixe, attribuímos a cada homem meia libra diaria, o que dá um peixe monstro de 5 toneladas.

Os ovos são, approximadamente, avaliados em dez mil durante setenta annos.

150 libras por anno fornecem, ao termo da existencia, uma quantidade de assucar bastante para edulcorar toda a chuva que annualmente cáe sobre a Praça da Concordia.

O Sal é calculado em 25 libras por anno, e o total d'esse consumo annual levado ao fim de uma existencia humana, dá uma quantidade mais que sufficiente para reproduzir dez estatuas do tamanho do proprio consumidor.

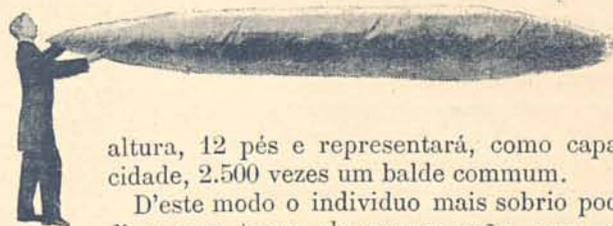
A quantidade de fructa consumida nas differentes epochas da vida, daria, nas considerações estabelecidas, uma enorme maçã de 25 metros de circumferencia, uma pera com 4 metros e uma laranja com 5 metros.

Accrescenta o mesmo estatístico que nos paizes tro-



picaes deve-se considerar duplamente o consumo das fructas.

A porção de liquido utilizada como bebida durante a existencia calcula-se, com grande approximação, em 76.700 copos (de 57 centilitros). Se imaginarmos um balde que contenha todo esse elemento, terá elle, como



altura, 12 pés e representará, como capacidade, 2.500 vezes um balde commum.

D'este modo o individuo mais sobrio pode dizer sem temor de exaggeração, que aos setenta annos de idade conseguiu beber o conteudo do celebre tonnel de Heidelberg.

Verifica-se que um homem, em circumstancias absolutamente ordinarias, consome, durante a vida, 1.280 vezes o seu proprio peso, em nutrição.

Quanto ao fumo, podemos suppôr nullo o seu consumo durante os vinte primeiros annos. O calculo será baseado em meio seculo de continua ingestão de nicotina.

N'esta hypothese, o cigarro terá 15 pés de altura, e o charuto, com 2 pés de circumferencia na parte mais espessa, terá nada menos de 16 pés de comprimento, comparavel na altura a um mastro de uma embarcação.

O fumador de cachimbo, consumirá um fardo de fumo, cujo peso attingirá a meia tonelada.

THOMAZ SWEET.

O Presidente de Guatemala.

As revoluções que em estado chronico assolam as republicas hispano-



O Presidente do Guatemala.

americanas entretem n'esses paizes uma constante e lamentavel anarchia, origem de todas as desgraças.

O retrato que damos abaixo, é o do presidente Barrios, de Guatemala, ultimamente assassinado a golpes de punhal em sua capital, quando se retirava de uma cerimonia religiosa na cathedral de Guatemala.

Tendo ultimamente expirado o seu mandato presidencial, e desejando a sua reeleição para o mesmo cargo, fez o presidente Barrios, para maior commodidade dos seus planos politicos, revêr a constituição da republica, supprimindo o artigo pelo qual a mesma prohibia ao chefe do estado a continuação do cargo em dois periodos successivos.

Assim feito, foi o presidente Barrios novamente eleito á direcção dos negocios do seu paiz, desencadeiando ao mesmo tempo sobre elle uma seria revolução, que protestava pelas armas contra a illegalidade commettida. Esse movimento que ameaçou seriamente o governo, só foi reprimido á custa de uma guerra cruel e sem treguas, na qual, segundo a imprensa guatemalense, as maiores vinganças e perseguições foram exercidas. Familias inteiras foram passadas pelas armas, não poupando o vencedor os seus proprios parentes e amigos suspeitos da menor participação com os revolucionarios. Esta sanguinolenta pressão trouxe, como era natural, a reacção dos perseguidos, que, não obtendo a victoria pelas armas, supprimiram pelo punhal o presidente dictador.

O herdeiro de Tichborne.

ACABA de fallecer na Inglaterra Arthur Orton, heróe de um dos mais celebres e sensacionaes processos que

têm revolucionado Londres e todo o Reino-Unido. Arthur Orton tentou fazer-se passar pelo joven Roger Tichborne, herdeiro do titulo e dos bens da velha familia catholica do mesmo nome; perseguido por esta causa em 1873, o seu processo não durou menos de 188 dias de debates, e o jury acabou por declaral-o culpado do crime de perjurio e falso testemunho condemnando-o a quatorze annos de trabalhos forçados.

O verdadeiro Roger Tichborne, herdeiro directo de uma immensa fortuna, avaliada em muitissimos milhões, depois de alguns annos de uma mocidade tempestuosa em Londres, embarcou-se com destino á America do Sul, não mais dando noticias suas e passando por ter perecido no naufragio do navio *Bella*. Foi o irmão mais moço quem herdou essa colossal fortuna, não obstante a opposição da mãe, que não queria acre-



O herdeiro de Tichborne.

ditar na morte do seu filho mais velho e fazia, por todos os jornaes do mundo annuncios, promettendo grandes recompensas a quem desse noticias do desaparecido. Esses annuncios chamaram a attenção e despertaram a cubica de muitos aventureiros, d'entre os quaes se salientou Arthur Orton.

Este personagem, filho de um açougueiro da Australia, possuindo uma vaga semelhança com o verdadeiro Tichborne, apresentou-se em Londres, reclamando a rica herança e fundamentando a sua identidade com uma complicada historia de naufragio, captiveiro, etc. O seu cynismo foi tal, que a propria mãe o recebeu algum tempo como sendo o seu verdadeiro filho; e quando as opposições judiciaes começaram a incomodar o intruso, instaurando-lhe famoso processo, formou-se immediatamente um grande partido na Inglaterra que na maior boa fé deu a esse aventureiro milhares de libras, lhe garantiam uma vida de principe, permitindo-lhe sustentar o processo que

defenderia a *justiça* da sua causa. O seu advogado tornou-se tão popular, que foi eleito deputado, e mesmo depois da condemnação do filho do açougueiro, continuou esse partido a despende grandes sommas para a reabilitação d'aquelle que elles julgavam innocente. E só depois de ter cumprido dez annos da pena a que foi condemnado, resolveu confessar o seu crime, na esperança, que lhe perdoassem os 4 annos restantes. A confissão de Arthur Orton foi uma cruel decepção para os seus sustentadores, que tinham a firme convicção de serem reembolsados com os milhões do verdadeiro Roger Tichborne.

Lona Barrison.

A FAMOSA dançarina e cantora de café-concerto, que fez as delicias do *Alhambra* de Londres e das *Folies-Bergère* de Paris, acaba de ser *honrada* pela camara dos deputados da Prussia com uma interpeação em regra, na qual o interpellante, baseado na denuncia de um vigario de München Gladbach e nas exhibições escandalosas que a mesma dançarina fez n'um theatro de Colonia, pede a sua expulsão immediata do reino.

As cousas na Prussia não se fazem com brinquedos e os representantes da nação, indignados com as scenas de *deshabillage* da dançarina americana, pronunciaram-se de um modo geral « contra os espectaculos excitando a sensualidade » e, não obstante as reservas do representante do governo, a maioria adoptou uma resolução, convidando o ministro do interior a fazer cessar na Prussia, como perigosas para a moral publica, as



Lona Barrison.

representações da *demoiselle Barrison*.

N'esse intuito a policia de Berlim prohibe os espectaculos que a mesma artista devia dar no theatro concerto Apollo.

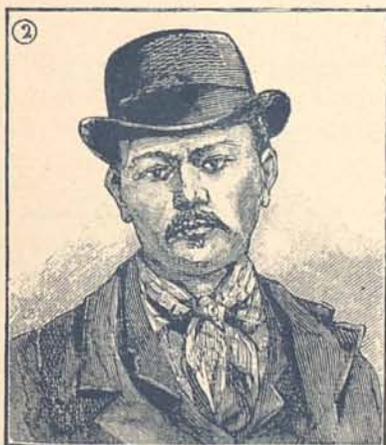
Em uma carta-circular dirigida á imprensa, Lona Barrison protesta n'estes termos contra as medidas tomadas contra ella: « Não é para admirar que um simples sacerdote de provincia, que nunca assistiu ás minhas representações e nem mesmo viu a minha pessoa, tivesse a idéa de salvar a moralidade allemã; mas, o que é simplesmente extraordinario, é vêr-se uma Camara-Legislativa fazendo opposição ás permissões que me foram concedidas pelos chefes da policia das principaes cidades da Allemanha e mesmo pela *Censura*, pedir a minha expulsão immediata.

Como cidadã americana dos Estados-Unidos, confiei a defeza de meus interesses á embaixada do meu paiz em Berlim. »

É bem possivel que o embaixador do Senhor Mac-Kinley em Berlim tenha cousas mais serias com que se occupar.

Um sextuplo assassinato

Os campos da França parecem possuir o privilegio dos crimes hediondos. Ha alguns mezes foi preso o celebre Vacher, que confessou mais de doze victimas feitas em alguns annos; e ainda ha poucos dias na aldeia do Val, situada entre Brionne e Beau-



Caillard.

mont, um miseravel bandido assassina uma familia composta de seis pessoas, revestindo o seu crime das mais detalhadas monstruosidades e perversão. Caillard, assim se chama esse extraordinario facinora, rouba na vespera do seu terrivel crime, n'um espingardeiro de Brionne, duas carabinas e uma grande faca — punhal e grande quantidade de cartuchos. No dia seguinte, continuando a sua

viagem, chega ás nove horas da noite em frente á casa da familia Leblond, e attrahido por uma luz que vê brilhar por entre as vidraças, salta uma cerca de trepadeira, aproximando-se da janella, dispara o seu primeiro tiro contra o infeliz chefe d'essa familia, que tranquillamente lia um jornal ao lado de uma lampada, recostado á mesa da sua sala de jantar. Ferido em pleno rosto, M. Leblond cahe sem proferir palavra e a sua pobre mulher, que apparece espavorida pelo estampido, cahe por sua vez prostrada por uma segunda descarga. O assassino penetra então na casa e logo aos primeiros passos encontra duas creanças de dez e doze annos, filhos das duas victimas que acaba de fazer. Servindo-se da segunda carabina, dispara os dois tiros contra esses innocentes, matando-os com uma miseravel impavidez.

Julgando não mais ser incommodado, come e bebe tranquillamente ao lado dos quatro corpos que jaziam em um mar de sangue. A filhinha mais moça do infeliz casal, de dous a tres annos de idade, despertada pelas continuas descargas, apparece na sala, na qual a fera devorava os restos da comida encontrada e bebia copos de rhum. Alguns segundos mais e a pobresinha era degolada de um só golpe, com a faca com que o monstro fazia a sua refeição. Começa então a roubar tudo o que encontra, arrombando armarios e gavetas. Em um dos quartos em que entra, ouve um fraco gemido: é uma velha paralytica, a mãe do Sr. Leblond. Carrega novamente a sua carabina e dispara-a á queima — roupa contra a cabeça da pobre enferma, que morre fulminada. Meia hora levou Caillard para assassinar e roubar essa infeliz familia, fazendo seis victimas.

Um horrivel detalhe cynicamente contado pelo assassino. Sentindo os pés frios quando comia e desejando aquecel-os, retirou-os dos tamancos, collando-os sobre os corpos do marido e mulher que ainda estavam quentes; e n'essa horrivel posição terminou a sua ceia. O assassino confessou tambem ser o auctor de um duplo assassinato perpetrado ha um anno atraz, não longe da localidade em que se acaba de dar essa tristissima hecatombe.

O maior soldado allemão

A companhia d'élite do primeiro regimento de infantaria da guarda em Potsdam acha-se novamente em possessão do maior soldado do exercito allemão. Ha algum tempo, os jornaes annunciavam que existia no regi-

mento dos couraceiros da Baviera um homem que podia bem ser considerado como o maior dos soldados de Guilherme II, pois tinha de altura



O maior soldado allemão.

2 metros 10. Esta noticia teve como resultado provocar reclamações d'outros regimentos, que annunciavam ainda a existencia de mais notaveis gigantes. De descoberta em descoberta, acabou-se por verificar que a secção da artilharia numero 5, em Posen, contava nas suas fileiras um artilheiro, que media dous metros e doze centimetros e meio.

Por ordem do Imperador, foi o respeitavel artilheiro transferido para o regimento da guarda em Potsdam, como chefe de fila da ala esquerda, e esta decisão imperial foi tomada em virtude de um aviso que data de Frederico o Grande, conferindo a esse regimento o direito de possuir o maior soldado de exercito allemão.

O ultimo livro de Zola.

Um inquerito feito sobre a venda do ultimo romance de Zola, « Paris », provou o seguinte: segundo a opinião de alguns editores, o numero dos exemplares vendidos em França foi inferior as dos romances Lourdes e Roma; segundo outros, a venda, que tomou proporções consideraveis no estrangeiro, não soffreu nenhuma mudança em França.

É bastante difficil orientar-se em meio d'estas opiniões contradictorias.

Limitamo-nos entretanto em verificar que o livro « Paris » teve, em presença de grandes encomendas vindas do estrangeiro, uma tiragem de cem mil exemplares. Uma das mais importantes casas de comissões de livros da capital franceza (Per Lamm) enviou por conta propria para o estrangeiro vinte e dois mil exemplare. A titulo de estatistica, damos abaixo as tiragens precedentes de todas as obras de Zola, tal qual foi fixada pelo a lista editor M. Fasquelle.

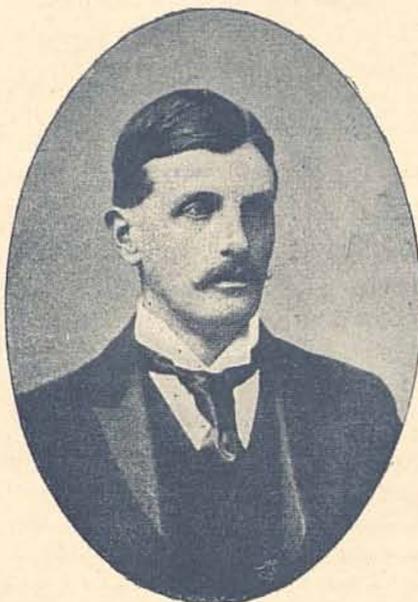
<i>La Fortune des Rougon</i>	33.000
<i>La Curée</i>	43.000
<i>Le Ventre de Paris</i>	40.000
<i>La Conquête de Plassans</i>	33.000
<i>La Faute de l'abbé Mouret</i>	49.000
<i>Son Excellence Eugène Rougon</i>	30.000
<i>L'Assommoir</i>	136.000
<i>Une page d'amour</i>	88.000
<i>Nana</i>	182.000
<i>Pot Bouille</i>	88.000
<i>Au bonheur des dames</i>	68.000
<i>La joie de vivre</i>	51.000
<i>Germinal</i>	99.000
<i>L'Œuvre</i>	59.000
<i>La Terre</i>	123.000
<i>Le Réve</i>	99.000
<i>La Bête humaine</i>	94.000
<i>L'Argent</i>	86.000
<i>La Débâcle</i>	190.000
<i>Le Docteur Pascal</i>	88.000
<i>Lourdes</i>	143.000
<i>Rome</i>	117.000

Assim, vemos que contados os cem mil exemplares do romance « Paris » ultimamente impresso, as obras com-

pletas de Zola fazem até o presente um total de *dois milhões e trinta e nove mil volumes!*

De Boston ao Havre a pé.

Um capitão da marinha americana, M. Oldrieve, vae tentar a travessia do



Oldrieve.

Atlantico a pé, de Boston ao Havre.

M. Oldrieve partirá de Boston no mez de maio proximo, acompanhado do capitão Andrens, que o escoltará

em uma pequena embarcação á vela, tendo a bordo as provisões necessarias para essa original travessia.

M. Oldrieve, segundo o declara, inventou um systema de botas de couro de um metro e meio de comprimento, munidas de cada lado de palhetas moveis, graças as quaes, affirma o inventor, poderá nadar caminhando. Essas botas que finalisam por grandes solas de madeira, são presas ao Joelho por uma forte liga de borracha, que lhes garante a impermeabilidade.

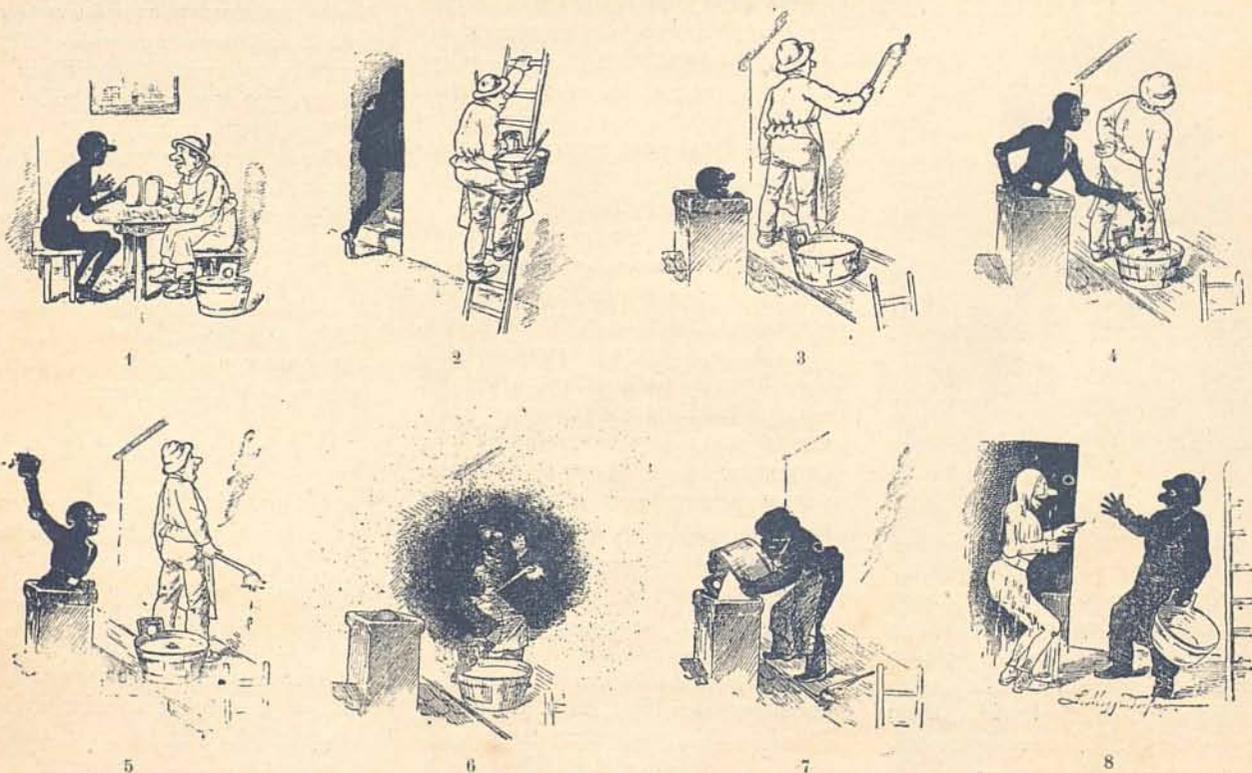
O audacioso official de marinha adoptou como costume de viagem um *maillot* de borracha bem adherente ao corpo. Elle affirma realizar a travessia de Boston ao Havre, isto é 4,800 kilometros, em 105 ou 110 dias no maximo, mesmo se encontrar um mar muito agitado. Quando se sentir fatigado, descansará na embarcação conduzida pelo seu amigo Andrens.

M. Oldrieve, que conta vinte e nove annos, já tem realizado diversas experiencias com as suas botas fluctuantes. Em 1888 partiu de New-York a Albany, subindo o curso do Rio Hudson, n'uma distancia de 260 kilometros.

Emfim, ultimamente, conseguiu em presença de uma multidão immensa atravessar em toda a sua largura as cachoeiras do Niagara.

X

HISTORIA COMICA



BRANCO E NEGRO

MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanãs de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE **MONKEY BRAND** FABRICADO POR **BROOKE'S**

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o
BOOT-MAKERS. BOTTIERS. ZAPATEROS
 277, RUE SAINT HONORÉ, 277
 (PRÈS DE LA RUE ROYALE)
PARIS TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL
 PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
 da casa Guinard



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, scialicas e vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a *extenuação resultante da fadiga*, do *trabalho à sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	LIT.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i>	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et biniou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa.	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado **FRANCO DE PORTE**
 Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO
 A MAIS ALTA RECOMPENSA DADA AOS ADUBOS | MEMBRÔ DO JURY DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
 — cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.
 — canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ e EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).
15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000

Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.

FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE MACHINAS PRIVILGIADAS :

Secador de café : AUGUSTO RAMOS

Descascador de café : EUGELBERG SICILIANO

Despoldador de café : MECHANICA

Separador de arame : AVIGNON

Catador de café : MANFREDI

Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C^o L^d**, **RICHARD HONRSBY et SONS L^d** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escritorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escritorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes

São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund

ou

Basset



Dinamarquezes

Escuros

e Dinamarquezes

pintados

(1^o premio)

Caes pastores

Wolf-Spitz

e

Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escritorio da « Revista Moderna »

Revista Moderna

MAGAZINE BRAZILEIRO E PORTUGUEZ

Direcção de M. BOTELHO

O MAIS COMPLETO E O MAIS ARTISTICO QUE SE TEM FEITO EM LINGUA PORTUGUEZA

PUBLICA QUINZENALMENTE :

Romances, Novellas, Chronicas, Actualidades, Politica Internacional, Viagens, Modas, Sport, Supplementos Musicaes, Retratos artisticos e Illustrações em Côres

Brevemente será posto á venda no BRAZIL e PORTUGAL

O PRIMEIRO VOLUME DA REVISTA MODERNA

Contendo **400** paginas em magnifico papel, mais de **450** illustrações e **6 hors-textes** verdadeiras gravuras de arte

2 Supplementos musicaes e 2 Supplementos de Modas

COLLABORADO PELOS EMINENTES ESCRIPTORES :

Eça de Queiroz

Eduardo Prado — Trindade Coelho — Conde de Ficalho — Magalhães de Azeredo — Conde d'Arnos — Batalha Reis — João da Camara — Domicio da Gama — Jayme de Séguier — Maria Amalia Vaz de Carvalho — Christovam Ayres — Conde de Sabugosa — Henrique Lopes de Mendonça — Xavier de Carvalho — Fontoura Xavier — Mariano Pina — José Pessanha — Arnaldo Fonseca — Domingos Guimarães — Pereira de Sampaio — Luiz de Magalhães — Alfredo da Cunha — Abel Botelho — José Sarmiento — Henrique de Vasconcellos — Filinto d'Almeida — Silva Bastos — Anthero de Figueiredo — Coelho de Carvalho — Camara Lima — Raymundo Corrêa — A. da Cunha, etc.

Tendo a empreza da Revista Moderna resolvido uma limitada tiragem pedimos aos nossos leitores que desejarem possuir o nosso *Primeiro* volume que façam com antecedencia os seus pedidos a todos os nossos agentes em Portugal e Brazil.

A REVISTA MODERNA assigna-se em todas as Livrarias

PREÇO DAS ASSIGNATURAS :

BRAZIL	UNIÃO POSTAL	PORTUGAL
Um anno 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes 30\$000	6 mezes 24 »	6 mezes 5\$500
Numero avulso. 2\$500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500